

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ÉRIKA CRISTINA DA SILVA

**AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NAS TESSITURAS DA VIDA E DA FORMAÇÃO**

CAMPINAS  
2021

ÉRIKA CRISTINA DA SILVA

**AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS NAS TESSITURAS DA VIDA E DA FORMAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Unicamp, para obtenção do título de licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Profa. Dra. Inês Ferreira de Souza Bragança.

CAMPINAS

2021

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

Si38m Silva, Érika Cristina da, 1997-  
As múltiplas linguagens nas tessituras da vida e da formação / Érika Cristina da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Inês Ferreira de Souza Bragança.  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Ensino Fundamental. 2. Prática pedagógica. 3. Narrativas. 4. Autobiografia. 5. Formação docente. I. Bragança, Inês Ferreira de Souza, 1969-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

**Título em outro idioma:** The multiple languages in the contexts of life and formation

**Área de concentração:** Pedagogia

**Titulação:** Licenciado

**Data de entrega do trabalho definitivo:** 12-07-2021

## AGRADECIMENTOS

O sentimento de gratidão me transborda e atravessa  
valendo-se dos mais diversos significados que essa singela escrita expressa.  
Antes que o mundo eu conhecesse, já era amada e acolhida  
por um Deus poderoso, sentido e dono da minha vida.  
A Ele entrego meus caminhos, minha chegada e partida  
sabendo que tenho amparo na vitória e na fadiga.

Muitas figuras me compõe e muitos levo como exemplo  
Autores, professoras, família... Mas um, em especial, eu contemplo:  
Numa humildade sem fim, paciência e didática única  
vislumbro o ensinar de Jesus, em sua forma mais profunda.  
Sou grata por partilhar da pedagogia do Redentor  
que ensina por mandamentos, parábolas, atitudes e muito amor.

Agradeço ao meu pai, Sérgio, por sempre acolher minha carência  
que grita por abraços e atenção, em um minuto de abstinência.  
Com ele aprendo a desbravar com coragem minhas tantas aflições  
fazendo delas caminhos leves, buscando sensatas soluções!  
Agradeço à minha mãe, Adeniz, por me ensinar a importância do fator humano  
vivendo intensamente as relações e não as deixando em segundo plano.  
Com ela aprendo a valorizar as singularidades e alegrias da vida  
não permitindo que as demandas do mundo me deixem perdida.

Eu não teria conquistado e alcançado tanto até aqui  
sem meus pais por minha base, desde o dia em que nasci.  
São meus exemplos e inspiração em todos os âmbitos possíveis  
aos quais esgoto as definições de amor e gratidão disponíveis.  
Sempre confiaram em mim e me impulsionaram a ir além,  
não apenas empurrando, mas indo comigo também.

Sou grata à Inês, querida orientadora,  
que abraçou meu projeto da forma mais acolhedora,  
possibilitando caminhos de *pesquisaformação*  
que deram sentido à minha escolha pela docência e educação.  
Foi um grande privilégio narrar este TCC ao seu lado,  
tendo-a em meu trajeto e nesse importante passo dado.

Sou grata ao Guilherme, meu segundo leitor, um professor singular  
que muito contribuiu para minha afeição em narrar.  
Felicidade a minha foi conhecê-lo, mesmo já no fim da graduação,  
pois expandiu meu repertório de possibilidades e atuação.  
Sensível, disposto, alegre e coerente  
Em minha formação, um grande presente.

Aqui deixo, também, a minha imensa gratidão  
aos dois Douglas: um companheiro, outro irmão.  
Ao primeiro pela força e paciência que ofereceu a mim  
durante a escrita deste trabalho, desde o começo até o fim.  
Ao segundo por confiar e se orgulhar de quem estou sendo  
mesmo que custe a ele assumir (implicar é dever de irmão, eu entendo).

Agradeço à Aline, amiga de graduação, vôlei, kitnet e vida  
Que é uma verdadeira irmã, não de sangue, mas escolhida.  
Um presente desde o início, fazendo a diferença nos meus dias,  
traduzindo a amizade por convencionais e inusitadas vias.  
Agradeço à Amanda, amiga de estágio, desabafos, burritos e missas  
Que partilhou comigo risos, lágrimas, esperança e conquistas.

Sou grata aos meus bebês, Benício e Bruninho  
pelo amor de sobrinho e primo que transbordam de carinho.  
Por fim, deixo aqui, meu mais sincero agradecimento  
à Unicamp e aos que garantem o seu bom funcionamento.  
Pessoas que cruzaram meu percurso direta ou indiretamente  
E agregam à minha formação dinâmica, constantemente.

*É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido.*

*Paulo Freire*

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem por objetivo estender o diálogo acerca das Múltiplas Linguagens para além da Educação Infantil, ressaltando a importância de sua incidência na prática pedagógica dos profissionais da educação do Ensino Fundamental e no que condiz todo o processo formativo humano e profissional. O TCC toma como abordagem teórico-metodológica a *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica, enfatizando nas Múltiplas Linguagens ao longo TCC escrito de forma narrativa, no Memorial de Formação e também sua relevância nos processos avaliativos dispostos no relato sobre uma experiência de intercâmbio acadêmico em tempos de pandemia, favorecendo a presença das Múltiplas Linguagens nas tessituras da vida e da formação da autora. Para tanto, foi desenvolvida, também, uma revisão de literatura que situa estes apontamentos no âmbito acadêmico, bem como dispôs-se de autores do campo para dialogar com a potencialidade da ampliação do repertório de comunicação e expressão do(a) professor(a) - tal qual seu olhar atento - a fim de melhor acolher a heterogeneidade e individualidade das turmas e alunas(os). Por fim, traz algumas lições aprendidas ao longo do desenvolvimento desta presente *pesquisaformação*.

Palavras-chave: Múltiplas Linguagens; Ensino Fundamental, Prática Pedagógica, Narrativa (auto)biográfica, Formação Docente.

## SUMÁRIO

<b>Apresentando ideias, questões e caminhos em percurso.....</b>	<b>8</b>
<b>Dialogando com produções e autores .....</b>	<b>9</b>
<b>Múltiplas linguagens na orientação coletiva.....</b>	<b>18</b>
Narrativa: Desprenderam-se as vendas e amarras.....	18
Poesia: Minha “amiga-narrativa” secreta.....	23
<b>Memorial de Formação .....</b>	<b>27</b>
<b>Avaliando por linguagens outras - uma experiência de intercâmbio .....</b>	<b>41</b>
Narrativa: Reflexão Final PDA.....	52
<b>Algumas Lições.....</b>	<b>55</b>
<b>Referências .....</b>	<b>57</b>
<b>Apêndice .....</b>	<b>59</b>

## APRESENTANDO IDEIAS, QUESTÕES E CAMINHOS EM PERCURSO

O tema das múltiplas linguagens sempre me atraiu a pensar nas trajetórias de desenvolvimento e formação integral dos sujeitos; o quanto o ambiente escolar pode oportunizar ou restringir a construção do conhecimento científico e cultural por vias diversas; e como os profissionais da educação desempenham um papel fundamental em possibilitar experiências significativas aos interlocutores da educação, ou seja, aos estudantes, colegas de trabalho, sociedade e, sobretudo, a si mesmos, na medida em que registram suas práticas e lhes atribuem valor de modo dinâmico e constante.

Percebi que foram as vivências através de linguagens para além da falada e escrita que me instigaram a descobrir o mundo e meu lugar nele, e como foi importante para mim a presença de professoras e professores que dispunham de formas variadas de comunicação para apresentar, explorar e produzir saberes essenciais que contribuíram para a constituição da pessoa que estou sendo.

Ao ingressar na Universidade, notei que este é um tema muito recorrente no âmbito da educação, com defesas incansáveis para que o ensino aconteça de modo a contemplar as múltiplas linguagens e possibilidades. Entretanto, as discussões se deram, em sua maioria, no campo da Educação Infantil e pouco foi abordado no que se refere ao Ensino Fundamental e de outras fases da vida que não sejam a infância. É viável dispor das múltiplas linguagens, na prática pedagógica, quando se trata do ensino para idades posteriores das dos bebês e crianças menores? A infância é o único período em que podemos nos desenvolver e aprender através das múltiplas linguagens? A fala e a escrita resumem as linguagens utilizadas, a partir do Ensino Fundamental, como as mais significativas em termos de aprendizagem?

Essas foram algumas dúvidas que passaram a fazer parte da elaboração deste Trabalho de Conclusão de Curso e, para refletir sobre elas, recorri às minhas memórias formativas; estabeleci conversas com autores para referenciar conceitos importantes para esta discussão; vali-me de produções acadêmicas que trilharam um caminho de escrita narrativa (auto)biográfica, assim como eu; refleti sobre como as formas de avaliação impactaram meu intercâmbio acadêmico em Portugal e tirei algumas lições das tessituras deste contínuo percurso formativo, que partilho com vocês a partir daqui.

## DIALOGANDO COM PRODUÇÕES E AUTORES

Para entender melhor o lugar deste trabalho no meio acadêmico e o campo problemático em que ele se situa, realizei uma pesquisa para revisão de literatura através de duas plataformas digitais: a biblioteca da Faculdade de Educação da UNICAMP e a SciELO<sup>1</sup>. Além disso, foi feita também uma revisão teórica para trazer proposições de autores que desenvolveram e desenvolvem conceitos importantes de serem contextualizados no campo da linguagem, da experiência e da narrativa (auto)biográfica que tanto se fazem presentes neste Trabalho de Conclusão de Curso.

O encantamento com o tema Múltiplas Linguagens surgiu juntamente com o questionamento sobre a incidência e o diálogo deste com o Ensino Fundamental, visto que ao longo da graduação deparei-me com ele sendo tratado majoritariamente nos ambientes, debates e pesquisas sobre a Educação Infantil. De fato, a necessidade de se colocar em pauta a exploração das mais diversas e abrangentes linguagens a serem apresentadas a bebês e crianças menores é extremamente importante. Porém, essas mesmas crianças precisam continuar a se expressar por meio das tantas linguagens possíveis ao longo de toda a vida, sobretudo no Ensino Fundamental, também.

Este questionamento foi confirmado na medida em que o resultado das buscas por descritores “múltiplas linguagens” abarcou uma série de trabalhos relacionados à Educação Infantil, e quando somado ao descritor “Ensino Fundamental” as publicações encontradas foram, em sua maioria, restritas a disciplinas determinadas e próprias dos anos finais deste período escolar, como a utilização das múltiplas linguagens no ensino de história, por exemplo.

O movimento de buscas consistiu, também, na leitura dos resumos dos trabalhos disponibilizados na *internet*, a fim de selecionar os que mais se aproximavam do tema, ou que pudessem contribuir mais significativamente para as diretrizes e estruturação deste TCC. Das vinte produções acadêmicas escolhidas como convergentes à conversa proposta aqui, optei pela leitura de oito delas com mais aprofundamento, sendo textos que envolviam produções em formato de TCC, dissertações, artigos e ensaios, todos organizados em uma tabela<sup>2</sup>, com o intuito de

---

<sup>1</sup> Biblioteca Eletrônica Científica Online. Disponível em: <https://scielo.org/>

<sup>2</sup> Apêndice 1.

ilustrar visualmente minhas expectativas de pesquisa para, então, apresentá-las à orientadora e estabelecermos um diálogo acerca desta sistematização.

Com as propostas de estudo e a programação alinhadas com os apontamentos da orientadora, percebi que não pude fazer um recorte temporal tão estreito para buscar textos acadêmicos mais recentes, devido à escassez dessa relação específica que apresentei. Em vez disso, optei por permanecer à procura de materiais que se aproximassem ao máximo deste meu tema de TCC e encontrei potentes produções que subsidiaram o dinâmico movimento de pensar e repensar a prática pedagógica dos profissionais da educação, principalmente no Ensino Fundamental, a fim de ressaltar possibilidades didáticas que favoreçam a acolhida e a emancipação dos estudantes e o fazem por meio de dispositivos metodológicos, atividades e momentos tanto convencionais, como artísticos, musicais, teatrais, criativos, entre outros.

Antes de adentrar mais profundamente no conteúdo dos TCC's e artigos, frutos da revisão de literatura, vale trazer uma importante conceituação a partir de Solange Jobim e Souza - que articula reflexões de Bakhtin, Vygotsky e Benjamin acerca da linguagem -, salientando que, neste trabalho, a linguagem é entendida como: espaço e possibilidade de o sujeito reafirmar seu lugar e papel histórico-social; fundamental para a construção da subjetividade do indivíduo; dispositivo que apresenta um movimento dialógico com a história; instrumento/veículo de informações e conhecimentos. (JOBIM; SOUZA, 2008).

No que condiz a dialogicidade entre linguagem e história, Bakhtin ressalta a importância da relação do outro em todo o processo de comunicação, seja na enunciação ou no entendimento daquilo que é transmitido e construído. Com isso, por mais original que seja o resultado produzido por um indivíduo, há sempre resquícios de outros que já vieram e inúmeras possibilidades de interpretações para aqueles que ainda estão por vir. Recorrendo ao texto de Jobim e Souza, podemos entender que

Para Bakhtin, a palavra não pertence ao falante unicamente. É certo, diz ele, que o autor (falante) tem seus direitos inalienáveis em relação à palavra, mas o ouvinte também está presente de algum modo, assim como todas as vozes que antecederam aquele ato de fala ressoam na palavra do autor. Bakhtin (1985) afirma que tudo o que é dito está situado fora da *alma* do falante e não pertence somente a ele. Nenhum falante é o primeiro a falar sobre o tópico de seu discurso. (JOBIM; SOUZA, 2008, p. 99)

Se estes caminhos já são cabíveis de trilhar com a palavra - linguagem verbal - quão plurais são as vertentes a serem percorridas por tantas outras linguagens? Aprimorar o repertório de vias de comunicação é enriquecer as possibilidades a uma potência transformadora que envolve toda a prática docente e o desenvolvimento integral dos sujeitos, garantindo conexões e tessituras únicas no itinerário da vida.

Os dizeres de Vygotsky (1991) apontam para a linguagem traduzida em signos, evidenciando sua forte atuação tanto nas mudanças sociais como no desenvolvimento cultural. Com isso, é possível caracterizar a linguagem como via de mão dupla, capaz de transformar o indivíduo na mesma medida em que ele a transforma, a cria, a recria... Para somar a abordagem de linguagem dita até aqui, segundo Jobim e Souza, Vygotsky traz a

ênfase nas qualidades únicas da espécie humana, suas transformações e sua realização ativa nos diferentes contextos culturais e históricos. Nessa vertente, Vygotsky irá retomar de forma criativa as concepções de Engels sobre o trabalho humano e o uso de instrumentos. O instrumento simboliza especificamente a atividade humana, a transformação da natureza pelo homem que, ao fazê-lo, transforma a si mesmo. Vygotsky (1984) estendeu esse conceito de mediação na interação homem-ambiente pelo uso de instrumentos ao uso de signos. Os sistemas de signos (linguagem, escrita, sistema numérico etc.), assim como o sistema de instrumentos, são criados pela sociedade ao longo do curso da história humana e mudam a forma social e o nível de seu desenvolvimento cultural. (JOBIM;SOUZA, 2008, p. 122).

Embora os signos sejam a forma mais comum e tradicional de comunicação, é certo que relacionar e entender os estudos de Vygotsky como suporte para a otimização e utilização de outras e múltiplas linguagens é tão positivo quanto suas relações e desdobramentos ao se tratarem da fala e da escrita.

Neste ponto, evidencia-se a linguagem como a mais importante componente do desenvolvimento da consciência e, conseqüentemente, da subjetividade da criança. O ser humano experimenta da história, a modifica e é modificado por ela; apropria-se da cultura da mesma maneira em que é agente ativo de sua produção e, com isso, comunica-se com o mundo e deixa a entender seu mundo interior através da linguagem.

A interiorização dos conteúdos historicamente determinados e culturalmente organizados se dá, portanto, principalmente por meio da linguagem, possibilitando, assim, que a natureza social das pessoas torne-se igualmente sua natureza psicológica. (JOBIM;SOUZA, 2008, p. 123).

Benjamin nos dá a dimensão da linguagem como veículo de informações e conhecimento, trazendo a importância deste dispositivo metodológico na infância

como possibilidade de traduzir percepções internas que emergem como significação, pois

É na infância que se constitui a necessidade da linguagem e, para penetrar na corrente viva da língua, a criança deve operar uma transformação radical, ou seja, transformar a experiência sensível (semiótica) em discurso humano (semântica). (JOBIM; SOUZA, 2008, p. 150).

Contudo, antes mesmo que a criança seja capaz de pronunciar suas primeiras palavras, quantas outras foram as maneiras que ela se utilizou para se comunicar com o ambiente a sua volta? O choro, o sorriso, o toque, os passos, o equilíbrio, as indicações e apontamentos para os objetos de desejo e curiosidade... A interação com o mundo se faz nos detalhes e no ordinário, dispondo das capacidades e instrumentos disponíveis. Deste mesmo modo, a sala de aula se mostra um ambiente capaz de perceber, acolher e explorar muitas oportunidades de dizer, gestuar, dançar, atuar, desenhar, enfim, se expressar na linguagem que seja, para dar lugar de fala ao sujeito histórico e social capaz de (trans)formar a si e o mundo, participando ativamente de seus processos de comunicação e conquistando tanto seu espaço, quanto sua própria voz, seja no mundo concreto ou no da abstração.

As múltiplas linguagens no cotidiano ligam ações concretas à experiência, exprimem mais do que se pode captar pela fala e escrita, pois suas entrelinhas têm muito a dizer. Discorrer sobre elas dá margem ao exercício do imaginário e aparatos à imaginação que desvenda a realidade - da maneira em que lhe é possível - e decifra o modo como a sociedade opera, numa plena certeza de que as crianças reconhecem quem são e onde estão, bem como identificam os elementos constituintes de suas vidas e os princípios de pertença e identidade que lhes são atribuídos (GUSMÃO, 2012).

O olhar em torno de diferentes imagens, sejam elas de filmes, desenhos, fotografias ou outras quaisquer, permite uma viagem pela imaginação e a descoberta de múltiplas linguagens do social. Uma viagem que se debate entre contextos, situações e fatos, mas que pressupõe a possibilidade alternativa daquilo que ela própria representa. [...] Nesse sentido, o espaço da produção social, ainda não inteiramente cativo das convenções e do campo de poder, torna-se um espaço potencial de descoberta e transformação. Aí, constitui-se a Antropologia via a descoberta de outras lógicas sociais e das muitas possibilidades de realização do viver humano. Um viver que se expressa de diferentes formas, em múltiplas práticas, em atos constitutivos de múltiplas imagens e linguagens. (GUSMÃO, 2012, s/p).

O olhar atento do educador é fundamental. Olhar voltado não somente aos seus educandos e às linguagens rotineiras, mas também para si, a fim de se compreender a todo o momento, valendo-se das infâncias que o rodeiam para

recordar sua própria infância, num movimento de abertura à expressão do outro para ressignificar seus próprios caminhos já percorridos e os que estão por se iniciar. Ter um olhar atento é permitir que as rotas sejam repensadas se preciso for, para que ninguém se perca (de si) somente por se deparar com um grupo distinto do seu, mas que, ao contrário, seja capaz de se autoconhecer e se reafirmar ainda mais ao conviver com a pluralidade das narrativas que estão a sua volta.

É neste universo que anseio por me aventurar enquanto educadora que aprende, ensina, reinventa, transforma, ajuda, produz, desconstrói, compartilha, narra, supera, acrescenta e se relaciona dinamicamente com suas versões, com o mundo e com o *outro*, acreditando que não exista uma linguagem superior às demais, um modo de enxergar e experimentar o mundo que se sobressaia a outro, um jeito único e correto de ser professora, pois “cada um constrói sua/s verdade/s a partir da realidade que vive, da experiência de viver, da história de sua vida, dos sentidos que atribui às coisas, ao mundo, a si, ao outro.” (PRADO; SOLIGO; SIMAS, 2014, p.12).

Fica visível a potência da escrita narrativa para alcançar os tantos significados da experiência que ela permite ao ser registrada, pois é a partir deste movimento que podemos recorrer ao que já foi elaborado e vivido para rememorar, reavaliar, repensar e ressignificar os elementos de nossa formação. Muito parecido com o sentimento descrito por Lilian Oliveira em sua dissertação de mestrado, abracei a narrativa com certa liberdade para me expressar, para dizer sobre questionamentos, apontamentos e vivências de uma professora em construção.

A escolha da narrativa veio também da possibilidade que entendo de poder dizer algo que somente eu poderia dizer do lugar único e singular que ocupo no mundo e na escola. Não queria trazer mais uma pesquisa sobre a escola e os professores, muito menos apresentar uma verdade ou generalizações a partir dela. Gostaria de narrar uma experiência (ou experiências) de uma professora e suas interlocuções com seus *outros* [...] (OLIVEIRA, 2020, p. 65).

Entretanto - cabe a confissão de que -, muitas vezes caí na tentação de pensar que a escrita acadêmica convencionalmente popular, científica, restrita a padrões e normas é a mais adequada para a produção de conteúdos significativos, de valor e retorno para a sociedade, antes de me debruçar sobre as narrativas e suas dimensões. Recorro a mais uma dissertação de mestrado, desta vez de Juliana Vieira da Silva, para explicitar um pouco deste sentimento sobre a metodologia de *pesquisaformação* apresentada aqui:

Na pesquisa narrativa (auto)biográfica, é comum que se tenha a sensação de estar implicada na escrita subjetivista, pouco objetiva e conseqüentemente colocar-se o tempo inteiro em dúvida, se o que estou escrevendo deveria mesmo ser dito e se seria, de que forma? Essa é uma sensação a ser superada pela pesquisadora que decide romper com a objetividade, neutralidade e distanciamento do sujeito/objeto presentes numa perspectiva positivista. Enxergar a subjetividade como especificidade e característica das biografias/ (auto)biografias e, portanto, essencial.

[...]

Nesse sentido, narrar a própria trajetória de vida-formação, ou seja, “dar conta da prática humana”, só pode se dar de forma dialética, com toda a complexidade e subjetividade de uma história que é individual, mas também síntese de um sistema social. Para Ferrarotti (2014, p. 72), “é possível que o método biográfico consiga reaver os termos da relação do humano com o humano”, e que “podemos conhecer o social partindo da especificidade irreduzível de uma práxis individual”, já que uma biografia não é somente um relato de experiências, mas uma representação das microrrelações sociais. (SILVA, 2020, p. 17-18).

Algumas outras reflexões sobre as narrativas e minha opção por construir o TCC a partir delas aparecerão ao longo deste trabalho, sobretudo no Memorial de Formação que caracteriza fortemente o caráter (auto)biográfico da escrita. Por enquanto, retomo a discussão sobre a prática pedagógica e a importância das múltiplas linguagens.

Para acompanhar o ritmo dos avanços da sociedade e do mundo, bem como a alta velocidade que o conhecimento se faz e propaga, é imprescindível que o educador se coloque em constante (trans)formação e adaptação, uma vez que sua prática pedagógica não pode ficar estagnada a outras épocas e momentos, senão se adequando e se refazendo conforme as demandas contemporâneas. As informações vêm e vão em instantes e são captadas e divulgadas por diferentes vias, plataformas e redes, então

pode-se dizer que o conhecimento docente exigido na contemporaneidade deveria apresentar uma natureza múltipla, inter/transdisciplinar, situando-se entre fronteiras, demandando das práticas pedagógicas realizadas em salas de aula uma noção de linguagem também múltipla, complexa [...] (SZUNDY; OLIVEIRA, 2014, p.185).

Assim, a prática pedagógica dinâmica e que é espaço de conflitos, construção e desconstrução de maneiras de ser e estar na profissão (NÓVOA, 1995), proporciona que as experiências sejam significativas e que a sala de aula apresente-se como uma extensão da vida, estimulando os estudantes a descobrir e aprender em todas as esferas sociais em que estão inseridos. A docência, em si, e seu exercício não podem ser determinadas e inflexíveis, mas atuar como uma resposta contextualizada a respeito de suas referências, seja em âmbito micro ou macro, das diferenças de cada aluno ou cada escola. É preciso compreender o

passado e seus ensinamentos, mas não deixar que eles resumam a prática presente sem dar margem à contemporaneidade que emerge e as novas linguagens que se criam a partir dela.

É importante ressaltar a diferença que existe entre informação e experiência. Aqui, evidencia-se a necessidade de o educador adequar-se constantemente ao novo, mas não de abraçar a era da informação a todo custo, numa relação rasa com tudo o que se passa. Pelo contrário, aprimorar a didática e ter uma prática dinâmica possibilita a experiência, valorizando *o que nos passa, nos acontece e nos toca* (LARROSA, 2002), numa ligação sensível e pessoal com essa experiência. Sendo assim, ao referir sobre “experiência significativa”, ou “aprendizagem significativa” muito se diz respeito ao valor que o próprio sujeito atribui ao vivido, ao quanto aquilo lhe afeta e modifica, não à avaliação alheia acerca de tal vivência. Jorge Larrosa situa e descreve muito bem o sujeito da experiência:

[...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. [...] o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar. [...] o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos. [...] o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. (LARROSA, 2002, p.24).

Com isso, a educação se volta à emancipação do indivíduo e não a sua alienação e reprodução de um modo único e padronizado de pensar, fomentando que sua consciência crítica seja desenvolvida com propriedade e responsabilidade, entendendo seus direitos e deveres na sociedade, sendo responsiva às demandas da vida e, principalmente, incentivando que ele, de fato, seja capaz de SER, no seu tempo, à sua maneira, com suas limitações e potencialidades, desejos e inapetência.

Há muitas maneiras de se autoconhecer e interpretar o mundo que se apresenta e, dessa forma, conter a construção do conhecimento em convencionais vias de comunicação é correr o risco de não alcançar o melhor dos educandos, quando se diz respeito ao valor que pode ser atribuído aos aprendizados. A música encontra-se como um exemplo de linguagem que abrange áreas de conhecimento que são limitadas por outros meios de expressão e sua utilização é pujante não apenas ao se tratar de disciplinas que envolvam as artes, mas como subsídio de

disciplinas básicas, também, assim como Valéria Sampaio advoga em seu trabalho de conclusão de curso, intitulado “A música como elemento de apoio para as outras disciplinas da etapa básica do Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries)”. Ademais, o desenvolvimento das crianças está diretamente ligado aos estímulos que elas recebem ou deixam de receber, portanto é imprescindível que tais impulsos sejam voltados à formação integral do sujeito.

Além de melhora dos aspectos de raciocínio, a música ajuda a melhorar a sensibilidade dos alunos, a capacidade de concentração e a memória, o que auxilia no processo de alfabetização e no raciocínio matemático. A música é capaz de estimular áreas do cérebro não desenvolvidas pela linguagem escrita e oral.

[...]

O cérebro precisa de estímulos para se desenvolver, a herança genética não é suficiente sozinha. As crianças, se pouco estimuladas, não desenvolvem sentidos de equilíbrio e localização. (SAMPAIO, 2004, p.12 e 15).

Recorrer às linguagens outras em sala de aula é ensinar geografia com histórias em quadrinhos, entender a história da humanidade por meio de peças teatrais, solucionar problemas matemáticos com desenhos, apropriar-se dos movimentos da natureza por paródias, entender o funcionamento do corpo humano por esculturas e danças, narrar histórias com fantoche, resumir o ciclo da chuva com um belo vídeo coletivo...

As múltiplas linguagens estão por toda parte, cabe ao educador acolher o repertório dos educandos e buscar sua constante formação para a ampliação de métodos e práticas educativas significativas. Considero incrível como a interação com o outro nos forma, como alguns sentimentos e aprendizados podem ser compartilhados mesmo que em situações e experiências diferentes. Do mesmo modo, reconectar-nos a nós mesmos também gera resultados positivos a curto e a longo prazo, remetendo novamente ao poder da metodologia disposta neste trabalho.

A pesquisa narrativa (auto)biográfica diz sobre a constante formação de seu *autorpesquisadornarrador*, contudo permite, também, que as vozes que o perpassaram ressoem nas linhas e entrelinhas de seus dizeres, demarcando caminhos habitados coletivamente, mas que resultam na constituição de sujeitos únicos e singulares, assim como Karina Yuki Matsuguma evidencia em seu TCC

Entendendo que, por estamos em constante transformação, nunca estaremos completamente formadas e prontas, significar nossas experiências e ressignificar nossas memórias são práticas imprescindíveis

para que nossa atuação na sociedade seja sempre crítica e consciente. A *pesquisaformação* considera que a transformação é contínua entre quem estamos sendo e quem desejamos nos tornar, a partir daquilo que já fomos. A nossa formação é, inevitavelmente, inspirada nas nossas experiências passadas e presentes, e, por isso, não podem ser separadas. Estudamos por meio da memória, nossas práticas passadas e, com isso, nos formamos. Pensamos, lemos e idealizamos práticas futuras e, neste processo, também nos formamos. Na *pesquisaformação* a não linearidade nos permite estas idas e vindas, por meio das memórias e em direção aos nossos sonhos. (MATSUGUMA, 2021, p.17)

Deste ponto em diante, retomo a valiosa dimensão da narrativa (auto)biográfica para este trabalho, entendendo que toda história de vida é também uma história de formação, portanto, ao narrar a vida o caminho de formação é reconstruído, bem como os episódios que formaram a identidade (DELORY-MOMBERGER, 2008). Com isso, trago memórias pessoais de *experiência-formação* que dão sentido ao reconhecimento das múltiplas linguagens na tessitura da minha vida.

## MÚLTIPLAS LINGUAGENS NA ORIENTAÇÃO COLETIVA

Comecei a pensar sobre a escrita de meu Trabalho de Conclusão de Curso no primeiro semestre de 2019. Entretanto, esta escrita começou somente em julho de 2020, após a desistência na disciplina de TCC no ano anterior e o retorno de um intercâmbio acadêmico para Portugal. Foram inúmeros os pensamentos que me atormentaram durante esta lacuna entre pensar a escrita e começar, de fato, a escrever. Além das orientações individuais, a orientadora, Inês, organizou também muitos encontros coletivos com todas as suas orientandas de graduação, como forma de construir conhecimento em grupo e permitir que pudéssemos contribuir para o trabalho umas das outras. Devido à pandemia do covid-19, esses momentos aconteceram unicamente no meio virtual, através da plataforma *Google Meet* de videoconferência.

Durante a primeira orientação coletiva que participei, eu e as demais orientandas fomos provocadas a realizar uma “amiga-narrativa secreta”. Para isso, deveríamos compartilhar um texto que produzimos (independente de sua extensão), sortear o nome de uma colega e ler seu texto. Depois disso, faríamos uma carta comentando nossa leitura para presentear a dona da narrativa sorteada. Algumas das meninas optaram por enviar o “Memorial de Formação” que haviam produzido, mas como eu ainda não havia nem ao menos começado, fiz uma narrativa sobre o que tínhamos discutido e vivido naquela reunião, bem como minhas impressões sobre isto. A seguir, trago minha produção na íntegra.

### Narrativa: Desprenderam-se as vendas e amarras

E depois de um certo tempo, voltei a pensar em meu TCC. O período que fiquei afastada das leituras e escritas acerca do Trabalho de Conclusão de Curso não foram de desligamento total sobre esse assunto, mas sim de um questionamento constante a respeito do dia em que me imergiria novamente nesse mundo acadêmico de referências e autores. Isso era o que eu pensava antes da retomada às orientações. Isso era o que eu pensava enquanto influenciada por colegas concluintes que queriam apenas entregar um trabalho e se livrar de uma vez por todas da graduação. Isso era o que eu pensava antes de

ser profundamente tocada pela fala de outras orientandas durante uma partilha e orientação coletiva que aconteceu dia nove de julho de dois mil e vinte, através de uma plataforma digital que permitia nos comunicarmos por videoconferência.

Neste dia em questão, percebi o quanto se perdeu e o quanto foi agregado ao longo dos meses, em relação ao meu próprio pensamento. Eu estava apaixonada pelo tema de múltiplas linguagens que vinha desenvolvendo, mas, onde deixei que a pressão por uma escrita exímia tomasse conta de mim? Estava me (re)descobrendo ao discorrer sobre minhas memórias de formação, mas, quando passei a julgá-las inferiores e insuficientes? Sem dúvida alguma esta orientação coletiva trouxe de volta o real entendimento da qualidade de um TCC, esclareceu dúvidas que restringiam meu modo de pensar e iluminou meus anseios ao diluir o medo em meio a tanto amor que vi sendo depositado no trabalho das colegas.

Escrever sobre algo que faça sentido para nossa história, algo envolvido de paixão e amor salientado em cada linha e assunto... Paixão e amor. Durante a orientação esses conceitos se fixaram em minha cabeça e foram sensivelmente definidos pela orientadora, fazendo com que eu percebesse o que realmente espero do meu TCC. Como mencionei, a paixão pelo tema de múltiplas linguagens já havia acontecido: um mover intenso, repleto de indagações e descobertas; uma curiosidade avassaladora que garantia um olhar dinâmico sobre as possibilidades... Agora, percebo o que quero construir em meu trabalho: amor. Quero poder me doar e ser capaz de me enxergar sem máscaras nas entrelinhas de minha narrativa, trazendo conteúdo significativo para mim e construindo uma verdadeira relação de amor com meu texto durante todo seu processo.

Os entrelaçamentos que conectam vida pessoal, acadêmica e familiar e expressam as fases de formação das colegas de orientação (em todas as esferas) evidenciaram quão único, original e importante pode e deve ser este trabalho. O carinho ao falar dos textos lidos, das experiências com docentes que buscam uma formação continuada, as lágrimas... Lágrimas! Emocionar-se a ponto de chorar ao

rememorar os motivos que impulsionaram a caminhada até o momento atual, ressaltando toda importância e interesse depositados ao longo do trajeto escolar foi, sem dúvida alguma, um exemplo concreto do que comecei a buscar na graduação e quero alimentar intensamente nos percursos da vida.

Ao contrário do que vinha me consumindo em ansiedade e aflição, o tão esperado TCC passou a ganhar mais sentido e significado do que outrora pensei ser possível, desenvolvendo-se em vivências, experiências, reflexões e observações minhas e alheias, acomodando-se confortavelmente à trama que envolve e compõe minha formação. Há muito o que expressar e muitas formas de o fazer, afinal, é sobre linguagens diversas que tanto anseio dizer, pesquisar e aprender.

Acredito que cada um constrói conhecimento da forma que lhe é mais atrativa e viável. Assim, como futura docente reconheço a importância de não somente apresentar, como também me comunicar com meus estudantes através de múltiplas linguagens, a fim de que sejam capazes de se expressar com o mundo e sobre seus próprios mundos de modo natural, significativo e com propriedade.

Aquelas lágrimas que vi percorrer delicadamente o rosto de Julia durante sua fala "falaram" tanto comigo quanto suas palavras. Não fosse a possibilidade de vê-la através da videoconferência, talvez os apontamentos não tivessem surtido tanto impacto em mim como aconteceu, nem ao menos me levassem a refletir meu trajeto com tanto apreço. A comunicação poderia ter sido feita por artigos, músicas, performances, esculturas ou poemas, cada modalidade atingindo os interlocutores de sua maneira, mas, neste caso específico, as lágrimas protagonizaram este meu aprender sobre o significado da escrita que Julia apresentou.

A fundamentação, construção, material de apoio, estrutura e revisitação em seus memoriais foram exemplos de que, mesmo por meio da escrita como

forma de sintetizar e organizar o TCC, foram utilizadas muitas outras linguagens para dar vida e transmitir tudo o que está sendo colocado no trabalho das colegas. Quão plurais são os caminhos! Logo nesta primeira orientação coletiva - após alguns meses - percebi que minhas expectativas acerca deste rico momento subestimavam como é produtivo crescer em grupo, partilhando de experiências e angústias e trocando muito conhecimento!

Estou ansiosa para a próxima reunião, em seus diversos âmbitos: pela partilha da orientadora e as demais orientandas, por poder contribuir para a discussão, para pôr a "mão na massa" e continuar a elaboração do memorial e de todo o meu trabalho, para agregar à minha formação através das leituras propostas e, finalmente, ansiosa em concretizar os pensamentos, sentimentos e experiências que me trouxeram até aqui.

Um novo passo foi dado. Desprenderam-se as vendas e amarras que me bloqueavam e me impediam de fomentar bons olhares para a edificação do meu TCC. Novas perspectivas foram apresentadas e a animação de antes retomou seu lugar. Há muito o que aprender sobre as possibilidades. O próximo passo está em reconhecer e registrar minhas experiências formativas de intercâmbio para, assim, devolver a atenção e prioridade ao memorial que tanto será revivido.

Está claro que a pesquisa narrativa será muito favorável para desbravar meus processos internos e externos, bem como os momentos coletivos serão dotados de importância e singularidade para minha formação, uma vez que me enxergava num vínculo indestrutível com os métodos restritivos de escrita acadêmica que, agora, percebo que não me irão limitar, e que tampouco estarei sozinha para construir conhecimento acerca deste trabalho, o que me parece ser o mais confortante por agora.

*A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em*

*narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: "Não há mais o que ver", saiba que não era assim.*

*O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que já se viu, ver na primavera o que se vira no verão, ver o de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que não estava aqui.*

*É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles.*

*É preciso recomeçar a viagem. Sempre.*

**José Saramago** - *A viagem não acaba nunca.*

*Paulínia, 23 de julho de 2020.*

Após quinze dias, realizamos outra orientação coletiva, desta vez para revelar nossa amiga sorteada e presenteá-la com a leitura de nossa carta resposta. O frio na barriga tomava conta a cada nova revelação, esperando ansiosamente o momento em que receberia minha carta. Coincidentemente, Julia sorteou meu nome. A mesma Julia que tanto me marcou durante minha primeira orientação coletiva. A mesma Julia que mencionei em minha narrativa. Foi ela quem leu meu texto e fez uma belíssima carta para mim, acolhendo todos os meus anseios e dando mais ânimo para continuar meu trajeto de escrita. Além disso, ao final de seu texto ainda me provocou a escrever uma narrativa sobre minhas experiências de intercâmbio e assim o fiz, semanas depois.

As trocas de correspondências foram valiosas, carregadas de experiências, sensibilidade, formação, conforto e acolhimento. As vozes que emanavam dos auto falantes ecoavam diretamente em nossos corações. Os sorrisos, expressões faciais e timbres vocais davam vida e comunicavam tanto quanto as palavras lidas dos arquivos digitais. Falando em valiosidade, minha amiga-narrativa secreta foi Stephanie e li sua narrativa intitulada "A caixinha de joias que mora em mim".

Nela, Stephanie foi descrevendo seu percurso formativo e descobrindo como suas experiências abrigam preciosas jóias que ela guarda carinhosamente em sua caixinha da vida, mesmo que tempos atrás ela se considerasse desimportante, insuficiente e inferior, convivendo com muita ansiedade assim como eu. Optei por escrever sua carta resposta na medida em que lia sua narrativa para não perder

nenhum detalhe e garantir que fosse o mais espontâneo possível. Identifiquei muita semelhança em nosso percurso e arrisquei presenteá-la com a poesia a seguir.

Poesia: Minha "amiga-narrativa" secreta

Logo nas primeiras linhas ficou claro perceber  
alguns pontos na autoestima que me assemelhavam a você.  
Seria isso culpa nossa?  
Afirmo com toda a certeza que não,  
mas sim da sociedade imposta  
assumindo que o singular é em vão.

Uso os verbos no passado, pois estamos num processo  
de reconhecer e gloriar cada pequeno e simples sucesso.  
Pare e pense comigo: este movimento não é mágico?  
Olhar de novo o que se foi e do fútil passar a ver fantástico!  
Como dizia Paulo Freire, somos "ser inacabado"  
e assumir essa certeza é não ficar estagnado.

Desimportância, inferioridade, insuficiência...  
Não são coisas tão saudáveis de nutrir na consciência.  
Noto algo a mais em comum ao discorrer suas linhas:  
suas fadas sensatas foram as mesmas que as minhas!  
Reconstruir o olhar sobre nós é uma escolha objetiva  
que se torna ainda mais viável na orientação coletiva.

Em meio a tantas angústias e pressões das demandas  
o fardo tornou-se mais leve, quando partilhado com as orientandas.  
Quanto a construir, a aprender e a crescer ainda é possível  
ao fazer parte de um grupo singularmente sensível?  
Ele é importante na sua vida e também na minha  
mostrando que sempre há joias novas a serem postas na caixinha.

Sobre a escrita do TCC, fomos bombardeadas desde mais jovem  
pensando haver um jeito certo, e não nas dádivas que nos comovem.  
Uma pessoa fundamental para nós, mencionarei agora

O que seria de nosso olhar, sem a direção da orientadora?  
 Se acertamos precisamente, com toda a certeza dessa vida  
 foi em convidar para nos orientar a inigualável Inês querida!!!

A respeito da luz no fim do túnel, ela entende como ninguém,  
 trazendo palavras reconfortantes e sábias, que a todas convém.

Quando já não víamos saída, ela apresentou-nos solução  
 tratando das feridas que o julgo e o autoboicote nos dão.

Ela transmite tudo com tanta doçura  
 que já está marcada em nossas vidas como especial figura.

Peregrinando o seu texto, fica lindo de se ver  
 a importância e o valor que você reconheceu ter.

A esta altura da narrativa, outra coincidência encontrei:  
 você passou pelo mesmo colégio onde outrora estudei.

Nosso lema não negava o sistema de ensino  
 que tinha como logotipo a imagem de um felino.

Comparando aqui com o início, tenho duas opções

Uma que lhe parabeniza e outra que aplica sermões.

Começarei a enaltecendo, recorrendo à opção primeira,  
 mas não prossigo meu poema sem lhe puxar a orelha.

Fica claro que suas joias passaram a ser percebidas com seu valor real,  
 mas de onde foi que você tirou que sua memória é trivial?

Estou certa de que, assim como para mim  
 muita gente poderá tirar aprendizados sem fim  
 ao navegar por suas memórias de formação  
 e vislumbrar suas joias, cada uma em particular lapidação.

Digo algo até clichê, mas com muito fundamento  
 Suas memórias abrigam e produzem conhecimento!

Com anjos ao redor, nosso caminho sempre foi sustentado  
 e ajudadas por pessoas incríveis, construímos nosso aprendizado.  
 Não subestimo nosso esforço, pois ressignificar quem somos é difícil,  
 mas ter quem acredite em nós, dilui-se numa batalha mais fácil.

E com muita luta, vê-se o resultado da determinação  
Fomos capazes de nos revestir de nossa melhor versão.

A cada novo parágrafo uma dúvida perpetua:  
Essa narrativa que estou lendo é minha ou é sua?  
Não bastassem as semelhanças anteriormente mencionadas  
também adentrei à universidade na segunda chamada!  
O anseio de orgulhar os pais e professores realmente foi muito forte,  
mas o que mais ecoava no coração era o conforto: você pode!

Por fim, nossa bolha estoura e ficamos expostas  
reforçando a dúvida num turbilhão de respostas.  
No ambiente acadêmico, percebemos como estávamos alienadas  
e já podemos dizer que para muitos assuntos fomos emancipadas.  
A teoria à prática era cada vez mais fundida  
e, na partilha, a identidade docente foi-nos sendo construída.

O ápice dos seus relatos me animou e deu ainda mais emoção  
quando identifiquei seu apreço a formas outras de expressão!  
Quão plurais são os caminhos e oportunidades de linguagem  
que garantem os saberes circulararem, não importa a carruagem.  
Uma carreata de opções, que muitas vezes não é dita,  
entendendo por comunicação somente a forma falada e escrita.

Com tantas ideias semelhantes, ainda vamos crescer muito juntas  
e talvez nas nossas diferenças, é que responderemos as perguntas.  
Muito foi trilhado e muito há o que desenvolver  
Na minha caixinha tem joia sua e, na sua, minha vai ter!

*Para Stephanie Perseghetti*

Na ordem de revelações, fui a última a ler minha poesia para Stephanie e talvez o fato de dispor da sensibilidade desse tipo de escrita tenha aberto caminho para muita manifestação de carinho entre todas do grupo, visto que estávamos vivendo nossas batalhas e dificuldades provindas dos tempos de pandemia. Na

partilha, ressaltamos como esses momentos coletivos são importantes para nossa formação, seja ela acadêmica, docente ou pessoal, uma vez que as esferas da vida se fundem e se complementam a cada nova descoberta e vivência. Nos emocionamos, nos aplaudimos, choramos e nos abraçamos virtualmente, se é que isso é possível. Dispomos das linguagens que nos couberam naquela reunião para resumir o comunicável, o incomunicável, o transmissível e o apenas sentido.

Esta experiência foi o ponto de partida para que eu pudesse voltar ao exercício de rememorar algumas de minhas vivências formativas e deixá-las registradas, com o intuito de me (re)descobrir e ressignificar muitos dos momentos marcantes para mim. Com ainda mais atenção às múltiplas linguagens que me formaram e fizeram parte da minha descoberta do mundo, elaborei com dilação - e revisei por diversas vezes - o Memorial de Formação a seguir, ilustrando como as formas outras de comunicação e expressão estão presentes na vida rotineira e devem ser exercitadas para além dos ambientes de Educação Infantil, mas também no Ensino Fundamental, Ensino Superior, Formação Continuada, Prática Docente, enfim... Em todas as possíveis tessituras da vida e da formação.

## MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Ao cogitar escrever sobre minhas vivências e experiências de formação, o medo foi o primeiro sentimento a permear meus pensamentos na medida em que o exercício de recorrer às memórias pareceu difícil por não ser praticado com frequência. Além disso, muitas das lembranças que me marcaram foram por instalar em mim sensações ruins e que me frustraram. Entretanto, minha reação para este sentimento não foi de paralisia e estagnação, mas, ao contrário, de ânimo e curiosidade para percorrer caminhos já trilhados e ressignificar muitos dos passos que já dei, a fim de desconstruir conceitos que outrora me impediram de marcar novas pegadas e transformar constantemente a pessoa que estou sendo. Nas palavras de Paulo Freire

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado. (FREIRE, 1996).

Assim que as primeiras recordações vieram à tona, trouxeram consigo uma avalanche não apenas pensamentos como também sensações físicas similares às vividas no momento lembrado, exemplificando concretamente o significado de nostalgia, remetendo ao frio na barriga, presença ou ausência de calor sentidos pela ponta dos dedos, sabores, texturas, odores... Como eixo orientador, busquei rememorar fatos importantes para minha formação pessoal e também os que contribuíram para minha escolha profissional ou que justificam minha afeição à docência de forma cronológica, mas desisti assim que constatei que uma memória reporta à outra de maneira desordenada e aceitei o fato de minha narrativa conter alguns *loopings* no tempo.

Ademais, a cada novo momento recordado, percebi como a vida pessoal e acadêmica andam juntas: ora em caminhos paralelos, ora em sobreposições onde uma parece já não mais se valer da outra; ora marcadas por características que lhes dão a impressão de diferir, ora com nuances tão singelas que o emaranhado de aprendizagem e desenvolvimento tecem um único desenho. De qualquer maneira, toda esta performance dá forma ao ser singular que partilha este memorial - com tanto apreço - aos seres singulares que o poderão ler.

Trago logo no início o carinho ao narrar meu percurso, pois, desta maneira, compreendo que o dinamismo de narrar é formativo e acometido de significados. A escrita narrativa é de extrema importância para este trabalho que, antes de ser iniciado, carregava uma conotação negativa interiorizada em mim, devido ao fato de a escrita acadêmica convencionalmente conhecida dispor de uma série de determinações e exigências que, no meu caso, não explorariam toda a potencialidade que posso ser capaz de alcançar através de outros padrões de escrita, como a que disponho agora e, estas, são noções fundamentais nas quais centraliza-se meu Trabalho de Conclusão de Curso: as múltiplas linguagens, ditas narrativamente.

Quando entendi e vislumbrei a possibilidade de escrever meu TCC narrativamente, atribuí ainda mais sentido ao tema que muito irei falar nos parágrafos que estão por desembocar nas águas em que corre meu processo de formação, mas antes, recorro aos dizeres de Denise Najmanovich para reflexão sobre a presente escrita

Renunciar à ideia de um método único que nos conduza sempre à verdade, e que a garanta, não implica de nenhuma maneira que estamos dispostos a desistir da utilização de instrumentos ou dispositivos, técnicas e procedimentos. Só implica que não anteporemos o método à experiência, que não cremos que haja um só caminho ou um só dispositivo adequado para pensar, explorar, inventar... conhecer. Só renunciamos ao fetiche do método e podemos ainda desdobrar uma infinidade de dispositivos, construir caminhos, trilhas, estradas, ou escolher ir através do campo ou entre o mato, ou preferir o bosque à estrada. Renunciar ao método não implica cair no abismo do sem sentido, mas abrir-se à multiplicidade de significados. (NAJMANOVICH, 2003, p.34-35).

Assim, a escrita narrativa é tecida em diálogo com referenciais teóricos a fim de contribuir para a construção de cultura e conhecimento e não apenas como fonte de dados, pois este “enfoque teórico-metodológico rompe com o paradigma lógico-formal, focaliza a vida, em seus movimentos individuais e coletivos, como um *locus* privilegiado de compreensão dos processos sociais e históricos.” (BRAGANÇA, 2009, p.40).

Refletir sobre minhas primeiras experiências formativas possibilitou que eu compreendesse muito do que vivi enquanto criança, agora, visto com um olhar que amadurece de forma dinâmica. É possível que grande parte delas tenham reverberado em mim com outra intensidade naquele tempo; que tenham me restado apenas fragmentos dos acontecimentos, ou até mesmo que o tempo tenha sido apto de me pregar peças capazes de transformar completamente meu posicionamento

anterior para este que narro agora, mas é justamente nesta infinitude de possibilidades e ressignificações que mais vislumbro a beleza do memorial de formação. Recorrendo a Guimarães Rosa, entendo que

Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado. (GUIMARÃES ROSA, 1986, p. 172).

Curiosamente, ao recordar momentos da Educação Infantil, muitos gatilhos de sentimentos ligados à baixa autoestima são disparados, os quais considero importantes de mencionar por serem constituintes da minha personalidade e me terem acompanhado desde muito nova. Digo “curiosamente” por, majoritariamente, esta ser uma fase repleta de imaginação e brincadeiras, momentos despreocupados e livres para grande parte das pessoas.

Todavia, meu corpo sempre foi um grande problema para mim: independentemente da idade ou de quanto pesava, sentia-me gorda e entendia isto como algo negativo, errado, que deveria ser desfeito, coberto, escondido e, muitas vezes, odiado. Recordo-me perfeitamente de um fato ocorrido no jardim de infância, quando tinha cinco anos de idade: estávamos num período de muito calor, portanto foi reservada e planejada uma sexta-feira para que a turma pudesse brincar na piscina de plástico que seria montada na área externa. Fomos ao banheiro colocar a roupa de banho e, quando a professora saiu para levar parte da turma que já estava trocada, olhei para o espelho (ficava acima da pia, com uma inclinação que permitia que fosse possível observar o corpo todo) e repudiei inteiramente a imagem que aquele objeto refletia.

Somente durante o estágio remunerado da faculdade, 15 anos depois, entendi que o espelho é posicionado um certo ângulo distante da parede, geralmente, para que as crianças consigam se ver, pois tive que pegar um aluno no colo que queria se enxergar no espelho que estava colocado sem esta inclinação. Entretanto, aos cinco anos, para mim, aquele espelho era ameaçador. Nele, eu podia ver todo o meu corpo, errado, exposto. O espelho me engolia, assustava, decepcionava.

Como não bastasse o descontentamento, senti o corpo aquecer de vergonha, permaneci breves instantes parada diante daquele objeto e recuei rapidamente para uma das cabines do banheiro com a mochila e coloquei o uniforme novamente. Uma

amiga fez o mesmo, mas voltou para colocar o biquíni com a professora tempos mais tarde. Depois disso, recordo-me de estar sentada ao lado da piscina, riscando o chão de concreto com uma pedrinha enquanto a turma brincava de molhar a cabeça numa espécie de “mergulho” e, ao retornarem de pé, respingavam o chão com gotas de água que davam a forma que servia de base para meus rabiscos.

O fato é que essa memória sempre se fez clara para mim, mas a análise dela foi proveniente somente após cursar a disciplina de Políticas de Educação Infantil<sup>3</sup> onde, por meio das discussões nas aulas, pude conhecer um pouco mais sobre os direitos da infância e perceber que algumas instruções que me foram dadas em casa induziam para que eu mesma negasse tais direitos a mim. De fato, a rejeição do corpo estava sendo naturalizada desde muito cedo, e as consequências disso refletiram e tiveram repercussão durante toda a minha vida, consciente ou inconscientemente.

A maneira como o desfecho foi abordado comigo, se alguma professora interveio ou me questionou, se algum colega de turma se juntou a mim no desenho com a pedra... Não consigo acessar nenhuma dessas memórias e não sei nem se ao menos isso é relevante, hoje. O fato é que aquele espelho não me intimidou somente no dia da piscina, na escola, mas sim por muitos outros anos e momentos da vida. A forma como me relacionei com meu corpo durante infância e adolescência sempre se assemelhou ao sufoco de vê-lo refletido no espelho que me engolia, uma vez que a mídia, a sociedade, o ambiente escolar e até mesmo minha família apresentavam um padrão estereotipado que não sou capaz de definir até hoje, pelo simples fato de ele ser irreal até mesmo no meu imaginário.

A informação que eu recebia direta ou indiretamente era a de não ser boa o suficiente, não me dedicar o necessário e sempre cobrar mais e mais de mim para alcançar uma imagem que eu nunca fui capaz de sintetizar concretamente. A Universidade foi o primeiro lugar que tive acesso ao meu próprio corpo com um carinho jamais entendido e emanado outrora. A disciplina de Escola, Cultura e Linguagens<sup>4</sup> foi minha porta de acesso ao corpo que fala, que ocupa espaço, que

---

<sup>3</sup> EP 790 - Políticas de Educação Infantil. Ementa: Descrição e análise dos fundamentos históricos, políticos, econômicos e sociais na Educação Infantil. Conceito de infância, de família e suas historicidades. Funções da Educação Infantil. Políticas de atendimento à infância. Creche e pré-escola. Relação Educação Infantil e Ensino Fundamental.

<sup>4</sup> EP 347 - Educação Cultura e Linguagens. Ementa: Estudos sobre as diferentes linguagens verbais (fala e escrita), visuais (artes plásticas) e audiovisuais (cinema e televisão) que dão forma à Educação cultural e escolar, ao imaginário e à inteligência contemporâneas.

vive e transforma, ao corpo que existe, ao corpo que simplesmente é, não importa cor, tamanho, forma... nada! Felizmente, depois disso, muitas outras oportunidades de diálogo surgiram em relação ao corpo e isso permitiu que, aos vinte e poucos anos, eu começasse a descobrir quem eu realmente sou e do que sou capaz de alcançar e me desafiar e, mais que isso, permitiu que eu entendesse que todo e qualquer corpo é capaz de tudo isso também.

O corpo fala. Mais do que palavras, mais do que vozes, mais do que gramática, semântica ou concordância. O corpo fala nos detalhes, nos gestos, no que faz e também no que deixa de fazer. Quanto eu já pude comunicar com meu corpo, sem nem ao menos saber que o fazia? Quanto eu poderia ter dito se soubesse que poderia me valer para além de palavras? Desde que essas perguntas passaram a fazer parte dos meus pensamentos, entendi que muito se aprende ao “falar e ouvir” por meio da linguagem corporal e como ela se faz presente, sobretudo, no ambiente escolar. Treinar o olhar sobre o corpo abriu um leque de possibilidades nas minhas relações pessoais e interpessoais que foi apenas o ponto de partida para meu interesse sobre as múltiplas linguagens.

Meu impulso e curiosidade acerca da comunicação por formas variadas foi se estendendo durante a faculdade e trazendo novos significados às escolhas que fiz durante o período escolar, dentro e fora da escola. A dedicação às aulas de artes, na elaboração dos desenhos e esculturas solicitadas; o bom desempenho nas aulas de balé e natação, que minha mãe me inscreveu no clube em que frequentávamos, no contra período escolar; a participação em pequenos teatros, mesmo com crises de ansiedade antes das apresentações; a escolha por gêneros textuais distintos da dissertação, como poemas e músicas para apresentar trabalhos e atividades... São tantas recordações boas e significativas sobre isso, que a animação em mencioná-las assim que chegam ao pensamento - para que não se percam -, chega a ultrapassar a calma em descrevê-las com detalhes.

Ainda sobre esta disciplina inspiradora, tive a oportunidade de me ver atuando, cantando, dançando, massageando, alongando, desenhando, inventando, compondo, recitando, sonhando e principalmente, me conhecendo a partir das mais diferentes linguagens: as que julgava dominar, as que fui desafiada a conhecer e até as que eu nem considerava forma de expressão, até aquele momento. Mas dentre as maravilhas que foram admiradas, enxergar tantas possibilidades me levou a refletir sobre quão pobre estava meu repertório e, ainda, quanta violência sofri e vi

sofrer tantas crianças por serem proibidas de conhecer o mundo da maneira que lhes fosse mais confortável e significativa, e obrigadas a castrar muitos dons, talentos e, por vezes, as únicas formas com que podiam traduzir o mundo.

A partir disso, atentei-me ao recorte de linguagem corporal e retornei às bases da minha educação doméstica, a qual desencadeou um padrão de comportamento que se reproduzia intensamente no ambiente escolar: por ser mulher, deveria preservar meu corpo de ser visto ou tocado, trocando de roupa sempre com a porta do quarto trancada, evitando vestimentas curtas e atentando-me com a alimentação para não ficar com excesso de peso; deveria me “comportar bem” ao sentar, restringindo movimentos ou posições que me assemelhassem ao corpo masculino e a falta de zelo, tudo isso, segundo minha família. Não faziam tais imposições por maldade ou punição, apenas reproduziam os padrões da sociedade como definitivos e inquestionáveis e cresci fazendo o mesmo, dando continuidade à alienação histórica e quase que hereditária.

Em diversas esferas sociais, nosso corpo é moldado para se adaptar de uma determinada forma e, ao longo dos anos, muitos comportamentos podem ser aferidos como corretos ou errados, únicos ou até mesmo proibidos. Muitas vezes, para além da liberdade em explorar o mundo e transmitir seu próprio mundo, os anos escolares avançam de forma inversamente proporcional ao estímulo e incentivo de dispor o corpo como forma de obter conhecimento e se expressar.

Entretanto, nem sempre é possível controlar o corpo da forma que nos é solicitada, ainda mais no período da infância. Sempre fui uma pessoa muito ansiosa e isso se refletia frequentemente no meu corpo. Quando cursava os anos iniciais do ensino fundamental, um dos meus maiores pesadelos era o “ditado”. No primeiro ano, a professora não havia programado nada, mas a turma estava inquieta e fazendo muito barulho. Como forma de castigo, ela aumentou potencialmente o tom de voz e disse que ninguém mais sairia da sala, pois iríamos começar o ditado. Na mesma hora, senti uma vontade absurda de ir ao banheiro, mas o medo de levar bronca me impediu de pedir permissão para a professora e, quando me dei conta, estava fazendo xixi na calça, ali, no meu próprio lugar. Quando as outras crianças perceberam, falei que havia caído água da minha garrafinha e fui até a professora, que certamente entendera tudo (mesmo eu tendo considerado por muitos anos que conseguira “enganar” a todos com a desculpa da garrafa) e me mandou buscar um pano com as “tias da limpeza” para limpar aquilo. A vontade de sair da sala foi tanta,

que não me importei de sair com as calças molhadas pela escola à procura de um pano, afinal, era apenas “água da garrafa”.

Pergunto-me se eu seria capaz de me retirar da sala mesmo sem a autorização da professora ou de contrariar seu comando de silêncio e pedir para ir ao banheiro, ou até mesmo de não sentir vontade de fazer xixi caso a palavra “ditado” não me aterrorizasse tanto. Toda a composição da sala de aula aquele dia impunham uma resposta determinada do corpo: a intensidade da fala da professora, os estudantes que se organizaram com as pernas dobrada noventa graus sob as carteiras e a coluna acomodada no encosto da cadeira, silêncio e olhos fixos no papel... minha cabeça ordenava que eu não poderia fugir desses padrões e o resultado foi o não controle da minha necessidade fisiológica.

Ainda sobre o medo de ditado, recordo-me de outra experiência negativa com essa forma de avaliação, mas agora durante o 3<sup>a</sup> ano. Já estávamos com a folha pautada em mãos, posicionada com os furos voltados para a porta e o cabeçalho preenchido, quando comecei a me sentir mal. A percepção de não estar bem foi imediata, mas não rápida o suficiente para evitar outro acidente: levantei a mão para reportar à professora, e vomitei sobre a folha de ditado, meu material e minha saia-shorts verde da prefeitura, ainda com a mão levantada. Enquanto me dava conta do que havia acontecido, a colega de trás já empurrava sua bolsa para não sujar e a professora vinha em minha direção. Os *flashes* de memória seguintes a isso são referentes a eu estar sentada na valeta ao lado da sala de aula, vomitando novamente, e de minha mãe reclamando por não a terem informado sobre levar uma troca de roupa para mim, levando-me embora suja, da forma como eu estava.

Desde as primeiras provas na escola, desenvolvi a reação de vomitar em momentos de extrema ansiedade e isso perdurou com intensidade por muitos anos da minha vida, principalmente durante o ensino médio. Com o passar dos anos a frequência diminuiu, mas até hoje, quando não consigo controlar meus pensamentos e sentimentos e estou sob muita pressão (seja causada por mim ou por outrem), meu corpo manifesta-se a isso e toda a tensão só é amenizada após vomitar.

O problema, para mim, não são os instrumentos de avaliação, mas sim a forma como nos são apresentados ao longo dos anos escolares. Ditados, provas de múltipla escolha, dissertação, produção de texto e álgebra foram, predominantemente, mais cobrados e impostos como métodos hegemônicos de certificar se o conteúdo estava sendo aprendido ou não, julgar se estávamos prontos

para novos conceitos ou era necessário “aprender de novo” o que já fora discutido. Em meio a esses pontos está, ainda, o fato de que gradativamente as outras linguagens deixaram de ser exploradas no dia a dia da sala de aula, uma vez que os professores precisam exercitar em nós aquilo que será cobrado nos outros anos, nas provas de aptidão, vestibulares, concursos públicos, etc.

É possível fazer um texto dissertativo de um conteúdo aprendido em história? Certamente, sim. Contudo, é possível ensinar e aprender história através de músicas, teatros, danças, gravuras, esculturas e muitas outras linguagens e, mesmo assim, fazer registros escritos se necessário. A intenção não é substituir o método e extinguir a fala e escrita da prática pedagógica dos professores, mas sim pensar na possibilidade de somar a elas outras formas de comunicação e expressão para que mais estudantes se conectem e atribuam real valor ao conhecimento que está sendo construído.

Exemplificando isto, tive o privilégio de acertar duas questões no vestibular, cantando. Como isso foi possível? Através de um professor inspirador do ensino médio que, enquanto nos apresentava uma nova matéria a partir de textos, imagens e desenhos, também resumia as palavras e conceitos difíceis em paródias feitas de músicas conhecidas, para que de certa forma decorássemos aqueles nomes novos e, ao mesmo tempo, entendêssemos do que se tratava. Tivemos todas as etapas do desenvolvimento da *taenia*<sup>5</sup> contidas no ritmo de “Amo Noite e Dia”<sup>6</sup> e somente assim consegui lembrar de palavras como *escólex*<sup>7</sup>, *cisticerco*<sup>8</sup>, *proglótides*<sup>9</sup> e *neurocisticercose*<sup>10</sup>, apontando-as em ocasiões que elas se encaixavam nas perguntas e respostas do vestibular.

Pode ser que meus colegas de turma tenham aprendido com as imagens. Há aqueles ainda que se identificaram mais com os textos. Mas, para mim, as músicas e paródias que o professor apresentava deram todo o sentido, entendimento e valor aos meus aprendizados em biologia e, mais que isso, ensinaram que muito consigo conhecer e expor através dessas linguagens, mostraram uma nova forma de decifrar o mundo que antes eu não sabia ser possível e que tanto me ajudam a estudar e

---

<sup>5</sup> Vermes que parasitam o intestino humano, popularmente conhecidos como solitárias.

<sup>6</sup> Música composta por Humberto Júnior e lançada pela dupla Jorge e Mateus em julho de 2010.

<sup>7</sup> Parte anterior dos vermes, responsável pela fixação ao intestino dos hospedeiros.

<sup>8</sup> Último estágio larvar da tênia.

<sup>9</sup> Cada um dos segmentos das tênias.

<sup>10</sup> Quando a infecção por tênia acomete o sistema nervoso central.

ensinar. Um singelo acréscimo na prática pedagógica dele que abriu janelas, portas, telhados e mundos de possibilidades para mim.

Felizmente, tive muitos outros professores que expandiram meus horizontes quantos às formas de construir conhecimento: nas aulas de geografia preparamos apresentações grandiosas através de plataformas digitais para narrar conflitos políticos e territoriais em todo o mundo; realizamos debates concretamente organizados, alterando a disposição das mesas e cadeiras e estudando muito para ampliar o repertório de argumentos prós e contras; produzimos poesias e obras de arte, bem como esculturas em tamanho real de personagens folclóricos; auto-organizamos a famosa quadrilha da festa junina, com música adaptada e selecionada por nós e coreografia inusitada para surpreender a todos...

Utilizamos da arte para falar sobre temas de disciplinas como história e ciências, mas também aprendemos muito da arte pela própria arte, através de poesias, textos dramáticos, músicas, imagens, filmes e tudo aquilo que a arte é capaz de abarcar. Durante a faculdade a arte incorporou conceitos e deu definições aos meus anseios e olhares sobre mim e o mundo com ainda mais intensidade e, quanto mais eu treinava meus sentidos a se valerem da arte, mais sentidos eu produzia à vida que me sustentava. Gambini melhor define toda esta capacidade de subjetivação ao dizer que a arte

é uma antiga e preciosa via de obtenção de novos conhecimentos: realidades não nomeadas, terrenos não mapeados, valores ainda sem contorno e definição, sensações não catalogadas, estados de espírito incomuns, maneiras novas de estar no mundo e de ser humano. A arte leva a essas dimensões, as descobre, as inventa. Não se trata, portanto, de buscar o lúdico, o entretenimento, o decorativo ou apenas o belo porque belo. A arte é uma via antiquíssima de conhecer nosso mundo interno tanto quanto de registrar o externo e, por estar apoiada na imaginação e na fantasia, na verdade constitui uma dimensão da realidade. Ela não é mero espelho desta, não é cópia da vida, nem seu reflexo, nem comentário inteligente: a arte cria realidades. (GAMBINI, 2010, p.151-152)

Foram atitudes singelas e drásticas, convencionais e alternativas que garantiram sujeitos e turmas integradas, animadas, inteligentes, proativas e cheias de conquistas e realizações. Algumas dessas atitudes foram previamente planejadas, outras surgiram espontaneamente com o interesse da turma. Alguns professores tinham qualificação para novas técnicas pedagógicas, outros eram verdadeiros artistas, outros, ainda, eram apenas abertos para aprender a partir de conversas e tentativas. Por motivos como esses, vejo a possibilidade de inovação na

prática pedagógica, por menor que seja, a fim de agregar a ela uma ou outra (por que não várias?) linguagem diferente para atrair os estudantes, estreitar as relações com eles, oferecer novas perspectivas.

Há muito o que se aprender com os alunos, e mais ainda a conhecer quando existe o interesse da formação continuada, da participação em grupos de pesquisas, da leitura de livros e artigos de bons autores, enfim, muitas são as formas de melhorar a prática constantemente e adaptar-se às novas demandas que nos são cobradas. Freinet, em seu livro “Para uma escola do povo” apresenta várias técnicas e ferramentas para transformar a educação e, antes disso, advoga que

[...] ninguém pode se lançar, sem mais nem menos, numa nova técnica para a qual não esteja treinado... não se trata de abandonar de repente todo um passado, cujas fraquezas são sentidas, para tentar uma novidade que somente alguns seres de elite podem espontaneamente dominar. (FREINET, 1995, p. 123).

A partir disso, reforço meu posicionamento sobre não haver a necessidade de abolir certas maneiras de aprender e ensinar, mas sim estar aberto às inovações e aperfeiçoamentos disponíveis em tantos materiais e dispositivos para buscar uma teoria pedagógica pessoal dinâmica e palpável. Freinet (1995) fala sobre um modelo de escola e sugere texto livre, estudo do ambiente local, agenda escolar, intercâmbios escolares, desenho livre, planos de trabalho, jornal mural, conferências de alunos, oficinas de trabalho, etc. Tantos destes elementos podem ser facilmente aderidos em sala de aula e muitos outros também. Diversos são os elementos que nos formam e podem despertar interesse em outrem.

Morei com uma extraordinária amiga de faculdade, Aline Andrade, que deixava bilhetinhos espalhados pela casa para mim: uns com recados importantes, outros com palavras de carinho e ainda os que eram de inspiração e incentivo; todos, a sua medida, contribuindo para meu crescimento e interesse em me expressar de novos modos também, além de estreitarem os laços entre ela e eu. Passávamos horas conversando, mas também muito era dito no silêncio, onde apenas a presença da outra bastava e acolhia a necessidade de espaço e tempo individual. Os momentos na cozinha explodiam de expressões e linguagens só nossas, numa mistura de temperos e nuances que fundiam nossa amizade e companheirismo em deliciosas refeições e, claro, brigadeiros! Complementávamos as ideias nos trabalhos do curso e demos vida à somatória de nossa imaginação, num fluir natural de ideias que eram mutuamente respeitadas e organizadas.

Nos estágios obrigatórios do curso de pedagogia, pude me valer de algumas das técnicas e brincadeiras que aprendi com uma amiga que cursou grande parte da Educação Básica comigo, Giovana Albiero, enquanto fazíamos a recreação de crianças em festas e eventos. Ela, por si só, elaborava os materiais necessários, brinquedos e brincadeiras que iríamos explorar com as crianças, todos com objetivos pedagógicos mesmo que não parecessem: íamos desde momentos de atenção e silêncio até competições de velocidade e agilidade; de situações com materiais prontos até a criação criativa das crianças; de atividades planejadas até a desconstrução de parte do cronograma para atender ao que os pequenos nos solicitavam. Com ela, aprendi a ter segundo, terceiro e quantos planos alternativos forem possíveis; a importância de reconhecer o tanto de cultura presente na infância e quão plurais são as formas como nos comunicam isto; pesquisar tudo o que pode me ser útil para alcançar os objetivos pré-estabelecidos e estar disposta e aberta a alterar a rota, recuar uns passos ou voar para muito além se for preciso.

Somado a essas oportunidades, participar do PIBID<sup>11</sup> fez brilhar ainda mais meu olhar perante a docência, pois pude desfrutar de momentos enriquecedores com as crianças através do Projeto Brincar<sup>12</sup>. Uma vez por semana, as bolsistas iam até a escola, onde dispunham de duas horas, aproximadamente, para conduzir o projeto que consistia na contação de história, roda de conversa, as vezes alguma atividade, e um momento reservado para brincar com os brinquedos dos dois baús que levávamos até a sala e ficavam guardados na escola. Entretanto, reuniões com a coordenadora do projeto, leitura de bibliografia de autores da psicologia, partilhas entre bolsistas e seleção de livros e brinquedos precediam esses momentos, com bastante cautela e atenção. Era toda uma organização e estudo para que as coisas fluíssem da melhor forma possível e, então, que pudessem gerar aprendizados e conhecimentos para todas as partes participantes.

Levávamos histórias que tinham significado para nós e para as crianças, identificação, tratavam de assuntos corriqueiros e “polêmicos” de forma sutil, natural, direta e indireta. Muita importância era atribuída a seleção da literatura que, por sua vez, fomentava e instruía nossa prática. A partir dos livros, surgiam assuntos em roda como forma de partilha, desabafo, ideias, complementos... fazíamos registros escritos, desenhos, brincadeiras e até mesmo encenações do que fora produzido

---

<sup>11</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

<sup>12</sup> Projeto coordenado por Ana Archangelo, livre docente pela Universidade Estadual de Campinas.

coletivamente através das histórias que eram contadas, sempre em roda no chão, sobre uma colcha que abrigava sonhos, expectativas, criatividade, imaginação e tudo mais o que podíamos carregar conosco.

Histórias antigas e atuais, livros físicos ou sem eles, com fantoches, variações vocais ou simplesmente discorrendo por entre as páginas, palavras e ilustrações. Sobre estes momentos, recorro às palavras de Leiria para melhor descrever o contar que acompanha a sociedade desde seus primórdios:

Contar histórias é mais do que oferecer palavras, do que movimentar mãos, imitar vozes ou gestualizar ações. Naquele que conta, transparece o peito e as palavras são repletas de vida, perduram pelos séculos ao criar morada na memória da humanidade. Para que a palavra seja viva, o contador de história utiliza seu corpo como instrumento de manifestação de sua arte, oferece sua expressão viva para dar brilho e emoção à sequência da narrativa. Dessa forma, ao contar, o narrador empresta seu corpo para a história a fim de que esta impere para os ouvintes acima de qualquer coisa. (LEIRIA, 2011, p.21).

Bastou que a contação de histórias viesse à tona às memórias, que logo recorreu a mim a figura de minha avó. Entretanto, não por seus tantos contos e superstições, em si, mas por todo seu especial papel em minha vida desde sempre. Na escola, aprendemos a organização de uma receita, mas o livro de receitas da minha avó não seguia muitos daqueles padrões. Pelo uso e tempo que tinham, estavam desgastadas e muita coisa já havia se tornado ilegível e, por isso, tive a oportunidade de exercer os conceitos escolares em um novo caderno “de arame” como nos referíamos ao espiral. Minha avó solicitou que eu reescrevesse as receitas para que nada fosse perdido e permitiu que eu organizasse os ingredientes e modo de preparo de outra maneira, contanto que não deixasse nada de fora. A partir disso, exercitei aprendizagens escolares ao estruturar as receitas de modo visualmente mais fácil de entender, e ainda tive a oportunidade de passar tempos de qualidade ao lado dela que, por sempre estar próxima a mim, teve muita influência sobre toda a minha formação e sensivelmente me inspirava a aprender mais e partilhar das descobertas com ela.

Até hoje, quando vou visitá-la, deparo-me com um morcego<sup>13</sup> que dei para ela em meados de 2007, feito de jornal e papel crepom para sustentar e revestir o corpo; lantejoulas para os olhos; papel cartão e canetinha para as asas, presas, e ornamentos e um elástico que poderia ser utilizado para mantê-lo pendurado no

---

<sup>13</sup> Apêndice 2.

lugar de preferência. Como seu aniversário coincide com o dia do *Halloween*, dediquei-me ao máximo na escola enquanto construíamos o morcego de decoração que iria para casa, no meu caso não para a minha, mas sim para a dela, entregue como presente, seguido da frase “Feliz aniversário e feliz dia das bruxas, mas a vó não é nada bruxa, só faz aniversário”.

Naquele momento, foi o produto de simples materiais escolares que disseram com todas as letras, sons e valores o tamanho do meu amor pela minha avó, que entendeu exatamente a mensagem e acolheu meus votos e sentimentos, guardando com todo o carinho, em sua cristaleira, o que poderia ter facilmente ter ido para o lixo na primeira faxina. São linguagens como essa que falam diretamente ao nosso coração e são ouvidas por entre o silêncio de uma troca de olhares, sorrisos, abraços e daquele morcego na cristaleira que continua sintetizando muito do nosso amor.



*Morcego na cristaleira da minha avó Cleusa.*

Existem muitas línguas, idiomas, palavras, formas de dizer, linguagens, expressões, meios de comunicação. Existe uma infinidade de caminhos, opções, erros e acertos esperando por acontecerem. Ninguém recebe a mesma voz, tampouco se utiliza dos mesmos verbos. Há muitas associações cabíveis, oportunidades de acrescentar um pouco disso, tirar um pouco daquilo, extinguir certos hábitos e se aventurar em novos desafios. Vejo a docência como uma das mais nobres profissões, por passar por tanta gente, por marcar tantas histórias, por receber tanto contato, por participar de tantas combinações possíveis.

Estamos, todos e cada um, em constante construção. Se, portanto, buscar incessantemente nosso modo de se relacionar e interpretar o mundo é necessário, disponibilizar instrumentos, pontes, escadas, laços, e tudo o que for preciso para que nossos alunos descubram, alcancem e se agarrem a quem realmente são e o que querem ser é uma das mais importantes e gratificantes tarefas dos profissionais e colaboradores da educação para que nada seja dito por eles ou para eles, mas sim, para que os estudantes tenham sua própria voz e palavra. Todas as práticas sensíveis e emancipadoras concorrem para o bem da formação humana.

Não fales as palavras dos homens.  
Palavras com vida humana.  
Que nascem, que crescem, que morrem.  
Faze a tua palavra perfeita.  
Dize somente coisas eternas.  
Vive todos os tempos  
Pela tua voz.  
Sê o que o ouvido nunca esquece.  
Repete-te para sempre.  
Em todos os corações.  
Em todos os mundos.  
(Cecília Meireles)

## **AVALIANDO POR LINGUAGENS OUTRAS - UMA EXPERIÊNCIA DE INTERCÂMBIO**

Tive o imenso prazer e privilégio de viver um semestre acadêmico em Portugal, numa experiência de intercâmbio no Instituto Politécnico de Setúbal (IPS)<sup>14</sup>. Entretanto, como muitos momentos da vida, este foi mais um repleto de surpresas, desafios e muitos, mas muitos aprendizados. Cheguei às terras lusitanas ansiando conhecer a cultura, a faculdade, o clima, as pessoas, os lugares, outros países da Europa... eram tantas especulações que minha imaginação foi capaz de arquitetar, que eu não tive criatividade o suficiente para me ver diante de uma “pequenina pedra no caminho”: uma pandemia capaz de abalar e mudar o mundo todo. De fato, ousou dizer que poucas mentes se planejavam para essa possibilidade.

Trabalhos em grupo, oportunidades de aprender novos instrumentos e idiomas em aula, estágios em instituições de educação não formal, visitas à tão conhecida Escola da Ponte<sup>15</sup>, pesquisas de voos e estadias em países diferentes, fotos salvas no celular de diversas praias, inscrição na academia e na equipe de vôlei, carteirinha de estudante para transporte público, aulas marcadas para o coral da igreja... De repente, confinamento total. Comércio fechados, aulas suspensas, esgotamento de máscaras e álcool em gel, até mesmo o papel higiênico estava difícil de encontrar nas prateleiras dos alvoroçados mercados, com pessoas desesperadas e carregando em seus rostos um olhar desconfiado, como se todos ao redor estivessem contaminados e a postos para transmitir o vírus. O que é que estava acontecendo?

As notícias do Brasil não eram assim. A população não estava tão preocupada quanto às pessoas que eu via nas ruas, os comércio não estavam fechados e as aulas ainda não cogitavam serem suspensas. Como estava minha família? Como se protegeriam as pessoas do grupo de risco que eu tanto amo? Definitivamente aquele não seria o intercâmbio planejado, mas sem rastro algum de dúvida, estava prestes a começar o intercâmbio que eu precisava viver.

O choque foi para todos, não somente para mim, então buscar por respostas prontas estava fora de cogitação. Sendo assim, o mais coerente – no meu ponto de

---

<sup>14</sup> O Instituto Politécnico de Setúbal (IPS) é uma instituição pública de ensino superior que se insere no subsistema politécnico.

<sup>15</sup> A Escola da Ponte é uma instituição pública de ensino localizada em Portugal, no distrito do Porto, fundada pelo educador José Pacheco em 1976.

vista – era começar entender que muitos dos meus planos ficariam apenas na esfera da imaginação e que a energia deveria ser canalizada para o cuidado pessoal e dos próximos a mim, uma vez que o covid-19 estava fazendo cada vez mais vítimas fatais logo nos primeiros meses de 2020, e tudo o que eu queria era garantir a segurança.

Para muitos dos que viviam comigo na residência de estudantes, as medidas de confinamento foram arrasadoras, porque dos mais de trezentos alunos e alunas, pouco mais de cem permaneceram na residência, os outros voltaram às suas casas (estudantes portugueses) e, alguns, aos seus países de origem (outros intercambistas). Já não podíamos ir às ruas (medidas do presidente), frequentar presencialmente as aulas (medidas do Instituto), tampouco formar pequenos grupos aglomerados dentro da própria habitação (medidas do diretor e da administradora). Iniciava aí uma grande jornada de autoconhecimento.

Alguns dias depois do abalo inicial, foi-nos dada a notícia de que o ensino passaria a ser remoto, sem previsão de mudança, ou seja, estaríamos sujeitos à “famigerada” aula *on-line*. Havíamos conhecido o Instituto fisicamente, almoçado no restaurante de lá, nos perdido pelos corredores e portas que pareciam todas iguais, pedido informações para verificar se estávamos nas aulas corretas, sentado nas cadeiras para acompanhadas as unidades curriculares, sidos aquecidos pelo calor das salas (com o aquecedor mais quente do que era preciso, para mim, que tenho muito calor), manuseado os instrumentos e produzido novos sons por mais desarmônicos que fossem, explorado espaços, utilizado os computadores, deitado no gramado no tempo livre entre uma disciplina e outra, frequentado a academia e as aulas de pilates, comprado chocolate na máquina que só havíamos visto em filmes e desenhos... Nenhum desses espaços poderia ser usado. Nenhuma dessas experiências poderiam ser experimentadas novamente, por tempo indeterminado. A suspensão não se referia somente às aulas. Referia-se a todo universo acadêmico que já não poderia mais ser sentido e utilizado.

Junto a isso, as restrições de convivência coletiva aumentavam na residência e maior era o número de pessoas insatisfeitas com isso, cientes de que havia limite de pessoas nas cozinhas e espaços comuns, restrições de visitas de pessoas de fora da residência e proibição dos próprios moradores a frequentarem os quartos uns dos outros. Estavam nos governando para evitarmos ao máximo o contato, a fim de controlar o vírus o mais rápido possível e, por saber que era o melhor a ser feito,

enxerguei as restrições com olhares de gratidão, esforçando-me integralmente para respeitar o que era sugerido e manter-me sozinha, uma vez que as consequências do desrespeito dessas normas implicava desde advertências à expulsão imediata da residência e, como se não bastasse toda a tribulação e pavor, procurar outro lugar para morar e pagar mais caro por isso não estava nos meus planos, definitivamente.

Quando o caos começou a se instaurar também no Brasil e as medidas de segurança estavam longe de ser o mínimo necessário, passei a agradecer ainda mais por todas as regras e proibições que eu estava sujeita em Portugal, sentindo-me muito mais segura. Eu estava segura, mas e minha família? A situação era favorável por um lado, mas perturbadora por outro. Ressoavam aos meus ouvidos minha própria voz calada, berrando a mesma dúvida repetidamente “o que está acontecendo?”. Essa resposta não me seria dada, tampouco eu seria capaz de a formular. Cabia a mim me manter saudável, e aqui não digo apenas do perigo do vírus, mas também da sanidade mental perante a tantos conflitos internos e externos que a pandemia potencializou.

Antes de iniciarem as aulas remotas, houve imenso esforço do IPS para que todos os alunos e alunas tivessem acesso ao curso e não mediram esforços para tal, certificando-se e possibilitando que todos possuísem algum aparelho eletrônico com os aplicativos instalados e internet disponível ao menos durante as atividades *on-line* de cada disciplina. Depois, os professores apresentaram novas propostas para o seguimento dos conteúdos, bem como mostraram-se abertos e flexíveis a sugestões para que o andamento do curso acontecesse significativamente e que fosse construído coletivamente, o que me foi confortante e pareceu sanar alguns de meus anseios.

Respeitando as medidas de segurança, passei a ficar mais tempo sozinha no quarto e isso foi crucial para meu planejamento, mesmo que por vezes minha colega de quarto estivesse junto (na maioria do tempo e dos dias, ela ficava com outra colega nossa, ocasionalmente contra as regras, mas muitos outros estudantes burlavam algumas determinações também). Aprendi a cozinhar coisas que nunca havia experimentado fazer, aprendi a não procrastinar os trabalhos solicitados e ter gosto por fazê-los e entregá-los previamente, aprendi a cuidar do meu cabelo após dois anos sem usar química para deixá-lo liso, aprendi a ler livros grifando e tirando apontamentos, aprendi os melhores momentos para conversar com as pessoas no Brasil devido ao fuso horário, aprendi a ter intimidade com Deus mesmo não

estando presencialmente frequentando celebrações, aprendi a reorganizar minha lista de prioridades, aprendi a desfrutar da minha companhia sem celular ou outras distrações, aprendi que o silêncio muitas vezes é a melhor resposta em momentos de desestabilidade... Aprendi tantas coisas concretas e abstratas, visíveis e invisíveis, pequenas e grandes, por amor e pela dor, que não caberiam em uma narrativa.

Todas as experiências estavam cada vez mais intensas e significativas para mim, porque com elas eu ia me redescobrir e reinventando, com a finalidade de ser capaz de tirar algo bom de todo o transtorno a que o mundo estava sendo submetido. E consegui. Finalizei o intercâmbio completamente satisfeita com absolutamente tudo, preenchida de gratidão e orgulho, não aquele orgulho que pensa ser melhor que as outras pessoas, mas aquele orgulho consciente do esforço e do ser humano em construção que se reveste de sua melhor versão constantemente e é capaz de adaptá-la de acordo com as demandas e possibilidades. Porém, nem tudo foi entendido de imediato e frequentemente me frustrei, fiquei nervosa e só queria voltar para casa reclamando de tudo e todos. O cenário que trago agora é com olhos de quem refletiu o que viveu e deu significado novo ao que outrora foi desgostoso e perturbador.

Aos que consideraram esta uma despedida de minha narrativa, enganaram-se! É a partir daqui que dou mais sentido ao seu título: Avaliando por linguagens outras. Foram as formas de avaliação de cada professor que vislumbraram meus olhos e confirmaram meu desejo por ir mais a fundo no diálogo e na pesquisa sobre múltiplas linguagens.

Como houve choque de horários com as disciplinas que eu havia selecionado a priori no Contrato de Estudos que elaborei quando ainda estava no Brasil, consegui cursar três disciplinas em Portugal para que, visando a qualidade e não quantidade, eu fosse capaz de compreender cada aprendizado com mais dedicação - sabendo que nas experiências anteriores de cursar muitas disciplinas concomitantemente o êxito ficou aquém do possível. Foram elas: Contextos Educativos e Práticas Pedagógicas; Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem; Técnicas e Processos em Expressões Dramática e Musical. Se na Unicamp eu já me confundia com siglas, no IPS eu parecia estar tentando decifrar códigos criptografados, pois eram apenas CEPP, PDA e TPEDM, respectivamente,

além de outras nomenclaturas que as estudantes e docentes costumavam se referir cotidianamente, que muito me custaram entender.

Para organizar melhor meus pensamentos e até mesmo esta narrativa, buscarei mencionar uma disciplina de cada vez, começando por CEPP. Nela, tínhamos nos separados em pequenos grupos para trabalhar, planejando visitas a instituições tanto de ensino formal quanto não formal, indo desde salas de aula tradicionais dispostas em mesas e cadeiras enfileiradas até espaços abertos no bairro e herdades repletas de animais e contato com a natureza. Além disso, alguns profissionais da educação e pessoas envolvidas em projetos sociais nos dariam palestras e se disporiam a uma roda de conversa depois, apresentando novas perspectivas e olhares no campo educacional que nos dariam suporte para elaborar atividades individuais para nossa avaliação.

As ferramentas foram outras, mas nosso plano inicial permaneceu: fizemos visitas virtuais, adentramos no mundo tecnológico de *sites*, *links*, vídeos, músicas, propagandas, fotos, documentos oficiais escritos, videoconferência com entrevistas, enfim... “tocamos” com os olhos e ouvidos lugares e pessoas que nossos corpos foram impossibilitados de ter contato, tendo a oportunidade de explorar com calma e cautela os ambientes e movimentos aconteciam, descobrindo panoramas que o corpo não alcançava enxergar, mas que puderam ser sensivelmente percebidos através das lentes que registram os momentos e das digitais que pressionam teclas e criam universos únicos por suas escritas; ouvimos vozes que misturavam-se e escondiam-se no alvoroço da rotina, mas que na restrição do confinamento proferiram saberes valiosos que foram ouvidos claramente e percebidos em nuances de entonações de saudade, doçura, orgulho e sempre acabavam na gargalhada da alegria pelo amor ao que fazem. Quanto foi dito nos tons de voz e nos suspiros que rememorar fatos antigos e recentes trouxeram consigo nas entrevistas.

Acredito que nada foi perdido, tampouco menos aproveitado. Ressignificamos a forma de construir conhecimento e as percepções que tivemos foram muito valiosas. Procedemos partilhas coletivas através do Zoom<sup>16</sup> e nos foi exposto conteúdo teórico de uma maneira até então inusitada para mim: a professora preparava um PowerPoint da aula que seria ministrada, com no máximo dez *slides* e gravava sua voz explicando cada um deles, o que possibilitava aulas assíncronas. Assim, as alunas poderiam simplesmente ler o material ou ouvi-lo um pouco mais

---

<sup>16</sup> Plataforma de videoconferências robusta com diversas funcionalidades.

detalhado na voz da docente, dependendo da forma mais viável para a individualidade de cada uma aprender. Simples, mas com grande diferença, pois algumas abstraem pelo exercício da leitura, outras ficam mais atentas e concentradas ouvindo a própria professora.

Afinal, qual o resultado disso tudo e como foi sistematizado? A avaliação foi feita de modo contínuo e abrangente ao longo do semestre acadêmico, baseando-se nos trabalhos solicitados e nas discussões das aulas em conjunto com a turma que serviam de ponderação da docente, ou seja, mesmo pertencendo ao mesmo grupo, às estudantes poderiam não serem atribuídos os mesmos valores. Fizemos relatórios individuais das visitas virtuais e, embora tenham sido entregues no formato escrito, muitas outras linguagens foram utilizadas para que as noções fossem elaboradas. Desenvolvemos um PowerPoint com gravação de áudio para explorar nossa pesquisa acerca de um pedagogo ou uma pedagogia (meu grupo expôs as ideias de Pestalozzi<sup>17</sup>) e apresentamos de maneira síncrona em aula, tendo a oportunidade de conhecer também as pesquisas ilustradas nas apresentações das colegas, comentando e complementando as proposições do nosso e dos outros grupos. Por fim, construímos um vídeo apelativo sobre a Quinta Pedagógica – Lugar dos Pernilongos<sup>18</sup>, com o intuito de apresentar o espaço e atividades às colegas e instigá-las a conhecer mais o ambiente, da mesma forma como elas fizeram com outros lugares e instituições de ensino (formal ou não).

Isso foi feito com tanto envolvimento que o esforço era nítido para que realmente todas as outras alunas tivessem aproximação ao que descobrimos ao estudar, e apenas quando tudo foi apresentado e os materiais disponibilizados para acesso coletivo é que me dei conta de que aqueles seriam os instrumentos de avaliação. Isso gerou reflexão acerca da avaliação, seus instrumentos e encaminhamentos, dado que o termo “prova” geraria um desconforto considerável em mim e não alcançaria tantas potencialidades cognitivas e de linguagem que me foram exploradas neste percurso trilhado em CEPP. Senti-me mais estimulada ao gravar o vídeo, mas para outras colegas de turma tive o conhecimento que a zona de conforto estava na escrita do relatório. O fato é que, em ambos os casos, fomos capazes de garantir que o conhecimento fosse “atestado”, construído e comunicado,

---

<sup>17</sup> Johann Heinrich Pestalozzi (1746 - 1827) foi um pedagogo suíço e educador pioneiro da reforma educacional.

<sup>18</sup> Pertencente à Herdade da Gâmbia, situada na Reserva Natural do Estuário do Sado a cerca de 9km de Setúbal.

mesmo tendo mais êxito numa estrutura ou noutra, e considero que esta sim foi uma avaliação significativa para a heterogeneidade da turma.

Foi nesta disciplina, ainda, que recebi um dos melhores presentes do meu intercâmbio: a amizade de Maria Inês. Ela morava na residência de estudantes também, ao final do corredor onde meu quarto se encontrava, mas dada a pandemia, voltou para a casa dos pais e não tivemos mais contato presencial. Julgo que só pude estimá-la tanto, pelas dificuldades acadêmicas a que estávamos submetidas, pois nas poucas aulas que tivemos presencialmente no Instituto, a parceria uma da outra não nos surtia tanta intimidade. Pelo distanciamento social, ficamos horas em ligações de voz ou de vídeo que davam vida aos trabalhos e preenchiam as lacunas da felicidade atacada diariamente pelas notícias da proliferação do vírus. Descobrimos pontos em comum, superamos nossas diferenças utilizando habilidades de uma onde a outra tinha pouca confiança e nos demos fôlego para persistir até o fim com a garra do início. Mesmo quando havia problemas em outras matérias, a amizade e parceria de Maria Inês me confortava para continuar buscando o melhor nas situações e, a ela, serei sempre grata.

A unidade curricular TPEDM era onde eu depositava minhas maiores expectativas. Logo na primeira aula presencial, pude manusear um cavaquinho e tocar “I Have a Dream”<sup>19</sup>, com o acompanhamento do professor ao piano e, mesmo elaborando somente três acordes para isso, senti-me diante de um avanço sem dimensões por não possuir familiaridade alguma com aquele instrumento. Cantamos aquela e outras canções e tivemos acesso ao formato de avaliação dos professores, pois um docente nos daria mediação referente à parte musical e outro à esfera dramática. Deveríamos nos dividir em grupos de oito alunas para elaborar uma performance contendo encenação, personagens, diálogo, figurino, cenário, cantando e tocando algum instrumento, para apresentar ao final da disciplina perante a turma e professores, com duração de quinze minutos.

Todas as alunas portuguesas já tinham contato prévio com a flauta de bisel, como bagagem da formação no Instituto, bem como as três intercambistas espanholas que viam este instrumento como algo corriqueiro. Já eu, havia apenas segurado flautas para entregar aos alunos no meu estágio remunerado no ano anterior, mas nunca produzi som algum naquilo, então aquele seria um desafio ainda maior para mim e que me deixava ainda mais animada. Juntei-me com as

---

<sup>19</sup> Canção do grupo musical ABBA, lançada em 1979.

espanholas e fomos aceitas num grupo com quatro portuguesas, dando nossos primeiros passos rumo à performance: selecionamos o musical “Corpse Bride”<sup>20</sup> e a canção “I Have a Dream” para serem nossa base, dividimos as personagens e estávamos no processo de definir figurino, cenário e roteiro.

Porém, com o início das aulas remotas, os professores sugeriram a divisão dos grupos ao meio e do tempo do espetáculo também, consistindo na apresentação de quatro estudantes durante aproximadamente oito minutos. Assim, intercambistas foram para um lado e portuguesas para outro. Isso deixou-me demasiado incomodada, porque restringia meu intercâmbio com alunas portuguesas e o concentrava em um mundo que eu pouco me relacionava: o espanhol. Agora, caro(a) leitor(a), pense comigo: como era feita a comunicação escrita, em áudio e durante as videoconferências, sendo que eram três espanholas e uma brasileira? Exatamente, em espanhol, numa velocidade que restringia minha percepção somente ao “bom dia” e tornava o restante da conversa como àquelas siglas e nomenclaturas que mencionei anteriormente: pura comunicação criptografada!

Nos primeiros encontros remotos com o grupo, pensei que minha participação estava fadada ao fracasso e a desistência, mas não me dei por vencida e abracei o Google Tradutor como melhor amigo, pedia que reenviassem os áudios falando mais devagar assim como nas discussões por vídeo, mas confesso que em muitos momentos eu sorria enquanto elas conversavam entre si, por estar entendendo praticamente nada. Para desviar esse obstáculo de comunicação, tomei a frente e dediquei-me mais a esta disciplina que as outras duas, passando até os finais de semanas imersa na criação da performance. Preferia expor minhas ideias por escrito e traduzi-las para o espanhol, criando todo o roteiro (referido como “guião”) neste idioma. Com isso, as colegas complementavam e davam continuidade ao processo e, como escrevi grande parte do guião, aprendi as principais palavras que usávamos na comunicação. Para ajudar, passei a assistir à série que acompanhava na Netflix<sup>21</sup> com áudio original espanhol, e a interlocução foi-se melhorando com o passar dos dias.

O choque inicial ia-se diluindo e a diversão em criar ganhou espaço. As meninas estavam cada vez mais pacientes comigo e criaram o hábito de falar mais

---

<sup>20</sup> Corpse Bride (A Noiva Cadáver) foi produzido por Tim Burton em 2005 e consiste num filme de animação em *stop motion*.

<sup>21</sup> Provedora global de filmes e séries de televisão por transmissão.

devagar para me incluir nos debates. A proposta de performance foi mantida, mas o modo de apresentação modificou seu formato: tudo deveria ser composto em modo de vídeo, ilustrando uma história que abrigasse os tópicos de avaliação preliminarmente propostos, mas excluindo as interações físicas e exibição com público presente.

O musical *Corpse Bride* foi substituído por *Vaiana*<sup>22</sup>, porque a outra metade do grupo já o encenaria, e inserido em nosso trabalho como o sonho da protagonista que fantasiava correr por um campo aberto e “navegar por outros mares” (adaptado a: percorrer a piscina sobre uma boia de flamingo). Em nossa performance, *Vaiana* discutia com a mãe e tentava sair de casa às escondidas, mas, barrada, foi obrigada a contentar-se com o apoio das vizinhas que a ouviram chorar. Foi um grande desafio, mas dispomos da ideia de confinamento para avivar nosso trabalho, como vizinhas que se comunicavam pela janela de seus quartos (definimos o desenho de cada cena, para que na edição do vídeo desse a entender que estávamos, de fato, nos comunicando presencialmente pelas janelas), imaginando o dia que poderiam sair de casa novamente, e que eram unidas pela mesma canção que as motivava a ter esperança - neste ponto, cantamos e tocamos flauta de bisel.

Para salientar a necessidade de confinamento, trouxemos para nossa performance a ideia de alerta por parte dos sistemas televisivos, ilustrando apresentadoras que traziam as notícias da pandemia. O resultado foi um sucesso, superando as expectativas dos docentes, das integrantes do grupo e demais colegas de turma, alcançando percepções e sentimentos inesperados como humor (referente ao descontrole das apresentadoras de telejornal que comunicavam e alertavam sobre o covid-19) e alívio (enquanto a protagonista corria pelo campo verde, livre do confinamento de seu quarto).

Além do desafio do idioma e de aprender a tocar flauta em questão de dias, ainda fiquei encarregada da edição do vídeo final. Recorte e redirecionamento de imagem, sincronização de vozes e instrumentos, legendas e efeitos de transição, limite do tempo e coerência na história... Foram muitos conhecimentos construídos ao longo de todo o processo que tive oportunidade de participar e desenvolver e que, certamente, estavam fora do alcance do olhar prévio que lancei ao intercâmbio, mas de ampla valia. Foram muitos sentimentos aversivos também, reclamando das dificuldades, chorando pelas decepções, arrependimento em me sobrecarregar de

---

<sup>22</sup> Animação infantil traduzida para o Brasil como “Moana - Um Mar de Aventuras”.

funções sem necessidade e tentada a trocar de grupo no início por medo do diferente.

Desta unidade curricular me despedi com os valores máximos atribuídos (no que diz respeito a nota), superação das aflições e pré-conceitos acerca dos desafios do espanhol, noções iniciais referentes a um novo instrumento (flauta doce que trouxe para o Brasil para continuar praticando) e edição de vídeo, e uma performance envolvente que já foi partilhada com toda a família – créditos à minha “mãe coruja” pela divulgação sem aviso introdutório.

Finalmente, chegamos à última disciplina, mas não menos importante. PDA foi na contramão do que vim mencionando até aqui, pois enquanto os demais docentes nos alertavam de prazos, ofereciam suporte incessantemente, disponibilizavam material de apoio compartilhados com toda a turma e planejaram um cronograma praticamente determinado, esta professora em questão seguia os parâmetros do Movimento da Escola Moderna (MEM), os quais buscavam desenvolver a autonomia dos estudantes frente seu desenvolvimento e aprendizados, deixando-os livres de condições e estruturas fixas.

O **MEM** propõe-se construir, através da ação dos professores que o integram, a formação democrática e o desenvolvimento sócio moral dos educandos com quem trabalham, assegurando a sua plena participação na gestão do currículo escolar. Assim, os educandos responsabilizam-se por colaborarem com os professores no planeamento das actividades curriculares, por se interajudarem nas aprendizagens que decorrem de projetos de estudo, de investigação e de intervenção e por participarem na sua avaliação. [...]

É por esta vivência – pondo à prova os valores humanos que sustentam a justiça, a reciprocidade e a solidariedade – que a organização do trabalho e o exercício do poder partilhados virão a transformar os estudantes e os professores em cidadãos implicados numa organização em democracia directa. Simultaneamente, esta experiência de socialização democrática dos estudantes constitui o sustentáculo do trabalho do currículo nas turmas, entendidas como comunidades de aprendizagem, num envolvimento cultural motivador. (Modelo Pedagógico<sup>23</sup>)

Ela mostrou-se como tutora e mediadora para todos os grupos e às estudantes em sua individualidade que necessitassem de algum suporte, porém não elaborou aulas expositivas, roteiros e prazos para a entrega dos trabalhos, dizendo-nos apenas o que deveríamos abordar e que poderíamos apresentar quando nos sentíssemos seguras e prontas.

---

<sup>23</sup> MODELO PEDAGÓGICO - **Movimento da Escola Moderna**. Disponível em: <<http://www.movimentoescolamoderna.pt/modelo-pedagogico/>> Acesso em 10 de agosto de 2020.

Encarei esta como a disciplina mais “tranquila”, por vezes esquecendo-me que a cursava, e este foi um dos erros que cometi, juntamente com o fato de me importar pouco com a construção dos trabalhos e pesquisas sobre os temas. Foi-nos solicitados três trabalhos, um sobre psicologia do desenvolvimento, outro sobre psicologia da aprendizagem e o último consistia numa reflexão final individual sobre a unidade curricular de modo geral.

Para que não houvesse temas repetidos e a turma trouxesse conhecimentos diversos, separamos os grupos por períodos da vida a serem pesquisados, sendo possível trazer estas noções somente ao trabalho de desenvolvimento, ou também no de aprendizagem. Meu grupo encarregou-se do período gestacional, recebendo o auxílio de entrevistas concedidas por mulheres grávidas - nesta realidade atípica de pandemia que estávamos vivendo - para tratar do desenvolvimento, recorrendo a autoras como Papalia e Feldman (2013)<sup>24</sup> e Paulo Freire (1996), bem como reportagens da SIC Notícias<sup>25</sup>. Os depoimentos enriqueceram nossa discussão, que se expandiu aos sentimentos acentuados pelo confinamento e perspectivas embasadas nas consequências do covid-19 para as mães e os bebês.

Do mesmo modo, refletir sobre aprendizagem incutiu na conversa recorrente à pandemia e o ensino a distância, trazendo apontamentos de João Grácio<sup>26</sup> e a abordagem do tema pelos pais de alunos, partilhando os prós e contras do ensino remoto onde eles, muitas vezes, precisavam ser a extensão dos professores. Para o avanço dos conteúdos, contamos com as contribuições de Piaget, Vygotsky e Paulo Freire, entendendo as aprendizagens possíveis não somente aos alunos, como também aos pais e professores que participaram deste novo processo de formação.

A esta altura de minha escrita, considero pertinente partilhar a reflexão final desta unidade curricular pelo fato de também ter sido escrita num formato narrativo - mesmo que esta não tenha sido uma exigência solicitada - e sintetizar meu olhar acerca da forma de avaliação. Com ela, finalizo esta partilha de parte do intercâmbio que tanto me marcou.

---

<sup>24</sup> Livro **Desenvolvimento Humano**, de Diane E. Papalia e Ruth Duskin Feldman.

<sup>25</sup> Sociedade Independente de Comunicação - Canal de televisão português que transmite programação jornalística.

<sup>26</sup> Professor de Primeiro Ciclo da Escola Básica Afonso Costa, do Agrupamento de Escolas Luísa Todi.

### Narrativa: Reflexão Final PDA

Fiquei realmente surpresa com a realização dos trabalhos realizados como avaliação para esta unidade curricular, não imaginando que tanto pudesse ser aprendido mesmo com as limitações e mudanças recorrentes da atual conjuntura. Mas, afinal, onde é que foi internalizado esse sentimento de aversão ao novo? Essa hesitação em ousar? Esse medo do que é diferente? Essas foram perguntas que permearam meus pensamentos no decorrer das pesquisas.

Quando buscamos definir o conceito de aprendizagem, pude perceber ainda mais como este é um termo que dá margem a tantas percepções distintas. Entretanto, percepções que não se excluem, tampouco se restringem, apenas são consolidadas de acordo com o referencial de onde são analisadas.

O movimento de aprender sempre foi algo que me intrigou e, justamente por esse motivo, busco explorar a utilização de múltiplas linguagens na prática pedagógica dos professores para discorrer acerca do meu Trabalho de Conclusão de Curso, em minha faculdade no Brasil. É curioso como o mundo nos é apresentado no jardim de infância, quando somos crianças, e a drástica ruptura do "mágico" na medida em que crescemos. Músicas, pinturas, teatros, esculturas, brincadeiras na natureza, possibilidades de errar, de descobrir, de inventar... Tudo isso é concreto e alimentado quando somos menores, mas em um certo momento, somos rotulados como "mais velhos" que já estão prontos para aprender da maneira convencional, dispondo majoritariamente da fala e da escrita e esquecendo quão plurais são as formas de construir conhecimento de modo significativo.

Por isso, revisitar bibliografias como Piaget, Vygotsky e Paulo Freire foi uma experiência tão singular para mim, agora, com um olhar ainda mais aguçado para este movimento de aprender que tanto me intriga. Intriga essa que impulsiona a buscar mais, a explorar mais, a ver a construção do conhecimento

como algo tão natural e heterogêneo a ponto de saber lidar com a diversidade de uma sala de aula, como futura docente e, sobretudo, saber lidar com minhas próprias potencialidades, desafios e anseios.

Enfrentar aulas a distância, elaborar um trabalho em grupo, ter contato com novas visões acerca da educação (MEM), estar inserida num país diferente, conviver com pessoas de culturas tão particulares, lidar a saudade da família que está longe... Considero que estes foram alguns dos fatores que contribuíram para que eu aprendesse muito ao longo deste semestre letivo e, da mesma forma, me desenvolvesse muito também.

Todavia, não pontuo como um seguido do outro, ou proveniente, como uma mera consequência. Ouso dizer, aqui, que os dois aconteceram da mesma forma: desenvolvimento e aprendizagem. Talvez eu poderia viver tudo isso novamente, em outro momento da minha vida, e não tirar as conclusões e questionamentos que os faço hoje. O que ficou para mim a partir destes trabalhos apresentados e de minhas experiências é que: onde há aprendizagem há desenvolvimento e onde há desenvolvimento, há aprendizagem.

Referi as noções exploradas nos trabalhos a perguntas que já vinham me impulsionando antes mesmo desta unidade curricular e que se intensificaram com todo o processo, porém, não posso deixar de mencionar o quanto as especificidades das pesquisas para a elaboração da apresentação também tomaram minha atenção. Na vertente de **aprendizagem** pude conhecer ferramentas que vão de encontro às múltiplas linguagens que tanto busco conhecer, a proatividade e criatividade do professor que deseja contemplar as realidades de seus alunos e quão desafiador pode ser para alguns o que é simples e corriqueiro para outros. Na vertente de **desenvolvimento**, pude ir a fundo em algo tão importante para mim, como a gravidez, através da sensibilidade dos depoimentos das grávidas, das medidas de prevenção e tentativa de conforto

para a hora do parto pela DGS, da congruência entre a realidade histórica e social e as noções trazidas no livro "Desenvolvimento Humano".

Retomando minhas questões referidas no início desta reflexão, considero que o trabalho apresentado pelo grupo pôde contemplá-las, uma vez que não pudemos nos encontrar pessoalmente para discutir e elaborar a apresentação, mas sim, nos desafiamos a realizar diversas reuniões online para isso, além de construir nosso conhecimento agregando entrevistas e palestras às nossas percepções acerca dos temas, arriscando na gravação e edição de vídeos para enriquecer e tornar mais atrativo tudo o que gostaríamos de compartilhar com as colegas e professora.

Embora não saiba se estou certa ou errada, se existe um certo ou errado, finalizo afirmando que fiquei satisfeita com o resultado final e feliz em ter me posto à prova e testado meus limites para alcançar mais longe, para expandir meus horizontes e me dispor a estar em uma incessante transformação, a fim de me adequar às possibilidades. A tribulação que vivemos nesses tempos difíceis foi gatilho de desenvolvimentos e aprendizagens nos mais amplos sentidos, e espero permanecer com um olhar dinâmico frente às realidades a que somos sujeitos constantemente.

Portugal, 10 de junho de 2020.

## ALGUMAS LIÇÕES

Aos que chegaram a este tópico buscando uma série de conclusões e respostas diretas às perguntas estabelecidas no momento “Apresentando ideias, questões e caminhos em percurso”, do início deste Trabalho de Conclusão de Curso, sinto muito em informar que serão decepcionados quanto a estas expectativas. Aqui, busco trazer algumas lições que aprendi ao longo de toda *pesquisaformação*, e ressaltar o significado desta escrita que reverberou e segue reverberando tantos aspectos importantes em minha formação.

Elaborar um trabalho acadêmico através da metodologia de pesquisa e escrita narrativa (auto)biográfica deu ainda mais sentido ao curso de Pedagogia, para mim. Trazer à superfície a subjetividade que me forma, juntamente com a objetividade de tantos conceitos e referências mostrou caminhos de *pesquisaformação* que, certamente, passaram a (re)orientar meu olhar para a educação e minha consciência crítica sobre minhas próprias práticas, acolhendo as tantas narrativas alheias que me atravessam e compõe, juntamente com as que trago comigo, no dinâmico movimento reflexivo de entender essas vivências e possibilitar que se traduzam com o real sentido de experiência, segundo Josso

vivemos uma infinidade de transações; de vivências; essas vivências atingem o *status* de experiência a partir do momento que fazemos certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido. (JOSSO, 2004, p.48)

Narrar sobre minhas memórias de formação revelou como as múltiplas linguagens foram e continuam sendo importantes para meu desenvolvimento, e exemplificaram concretamente que não foi apenas na Educação Infantil que o contato com outras formas de expressão trouxeram tanto significado referente a forma como me percebo e entendo tudo o que está externo a mim também, uma vez que a cada novo dia que se inicia tenho a chance de interpretar e interagir com a realidade por meio de diferentes linguagens. Do mesmo modo, ficou evidente que as capacidades humanas precisam ser estimuladas em áreas diversas para garantir o desenvolvimento integral do sujeito e sua atuação ativa na produção de cultura, o que está intimamente ligado à maneira de se relacionar consigo, com o *outro* e com a sociedade.

Devido a isso, reforço o posicionamento sobre a importância da prática pedagógica ser pensada e repensada para acolher e dar subsídios à singularidade

dos interlocutores da educação, visto que o ambiente escolar - em qualquer modalidade e para qualquer faixa etária que seja - é, muitas vezes, o único lugar que estes interlocutores têm acesso às múltiplas linguagens para a construção do conhecimento. Vale ressaltar, ainda, que estar disposta(o) a dar abertura às solicitações e sugestões é sempre uma boa alternativa para ampliar o repertório de comunicação e estar cada vez mais próxima(o) a realidade dos estudantes, colegas de trabalho e comunidade escolar, pois todos carregam e constroem cultura.

Reitero que, em hipótese alguma, assumo as linguagens convencionais (fala e escrita) como inferiores ou impotentes, ao passo que qualquer outra linguagem, utilizada isoladamente das demais, seria insuficiente para dar sentido à pluralidade e complexidade que podem ser atribuídas à formação humana que é tão cheia de sentidos e significados. Aproveito este espaço para lembrar (e me policiar, enquanto professora em construção) da coerência na hora de pensar acerca dos procedimentos de avaliação, pois, assim como partilhei em minha experiência de intercâmbio, os variados dispositivos metodológicos disponibilizados pelas professoras e professores carregaram muito mais valor ao conhecimento construído do que os incontáveis ditados e seus desdobramentos, presentes Memorial de Formação. Variar os instrumentos de avaliação é uma bela opção, não é mesmo? Afinal, cada pessoa tem sua afinidade com determinada linguagem e expandir as possibilidades pode minimizar as chances de que alguns(umas) estudantes sejam prejudicados(as) ou fiquem expostos a situações extremamente desconfortáveis, assim como fiquei várias vezes por ser submetida a uma única e exclusiva forma de avaliação.

Por fim, concluir este trabalho sem conclusões fechadas e encaradas como verdade absoluta elevam minha constante formação a uma potência de possibilidades nos caminhos da educação, que vou percorrendo, pintando, dançando, recortando (...) e, em todas as opções cabíveis, seguindo impulsionada fortemente à cinesia de permanecer narrando, registrando, refletindo e (re)formando meu jeito de ser professora no mundo, acreditando que "não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes" (FREIRE, 1987, p. 68).

## REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Pesquisa-formação e histórias de vida de professoras brasileiras e portuguesas: reflexões sobre tessituras teórico-metodológicas.** In. Revista @mbienteeducacao. São Paulo, v.2, n.2, p 37-48, ago./dez. 2009. Disponível em: <<http://publicacoes.unicid.edu.br/index.php/ambienteeducacao/article/view/552>>. Acesso em 9 de fevereiro de 2021.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação.** Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. São Paulo: Paulus, Natal: EDUFRN, 2008.

FREINET, Célestin. **Para uma escola do povo: guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular.** São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GAMBINI, Roberto. **Com a cabeça nas nuvens.** Revista Pro-Posições, vol.21, n.2, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pp/v21n2/v21n2a10.pdf>>. Acesso em 9 de fevereiro de 2021.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande Sertão: Veredas.** 20ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 172.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Olhar viajante: antropologia, criança e aprendizagem.** Pro-Posições (UNICAMP. Impresso). v. 23, p. 161-178, 2012. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072012000200011&lang=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072012000200011&lang=pt)>. Acesso em 5 de fevereiro de 2021.

JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin.** 11ª ed. São Paulo: Papirus, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** São Paulo, Cortez, 2004.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação [online]. 2002, n.19, pp. 20-28. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em 5 de fevereiro de 2021.

LEIRIA, Livia Rodrigues Pinheiro. **Palavra, corpo e pesquisa: a arte do professor contador de histórias.** Campinas, SP: [s.n.], 2011. Disponível em: <[http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/251223/1/Leiria\\_LiviaRodriguesPinheiro\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/251223/1/Leiria_LiviaRodriguesPinheiro_M.pdf)>. Acesso em 10 de fevereiro de 2021.

MATSUGUMA, Karina Yuki, 1996 - **Contribuições da narrativa (auto)biográfica na formação docente inicial e continuada: uma perspectiva feminista, antirracista e decolonial** / Karina Yuki Matsuguma. - Campinas, SP: [s.n.], 2021. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=001161266&opt=1>>. Acesso em 7 de maio de 2021.

MEIRELLES, Cecília. Cântico XII. In. **Cânticos**. São Paulo: moderna, 1982

MODELO PEDAGÓGICO - **Movimento da Escola Moderna**. Disponível em: <<http://www.movimentoescolamoderna.pt/modelo-pedagogico/>> Acesso em 10 de agosto de 2020.

NAJMANOVICH, Denise. O feitiço do método. In: GARCIA, Regina Leite (org). **Método, Métodos, Contramétodo**. São Paulo: Cortez, 2003.

NÓVOA, António Sampaio de. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

OLIVEIRA, Liliam Ricarte de, 1978 - **“Me ajuda a olhar”: narrativas e experiências de uma professora de educação infantil em (trans)formação com a escrita** / Liliam Ricarte de Oliveira. - Campinas, SP: [s.n.], 2020. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/359513>>. Acesso em 14 de maio de 2021.

PRADO, Guilherme do Val T.; SOLIGO, Rosaura; SIMAS, Vanessa França. **Pesquisa narrativa em três dimensões**. 2014. Disponível em: <<https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2014/11/toledo-soligo-simas-pesquisa-narrativa-em-trc3aas-dimensc3b5es.pdf>>. Acesso em 19 de maio de 2021.

SAMPAIO, Valéria Cristina Santos. **O ensino de música na primeira a quarta série do ensino fundamental como elemento de apoio para as disciplinas básicas** / Valéria Cristina Santos Sampaio. -- Campinas, SP: [s.n.], 2004. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000330152&opt=4>>. Acesso em 6 de fevereiro de 2021.

SARAMAGO, José de Sousa. **Viagem a Portugal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SILVA, Juliana Vieira da, 1979 - **Narrativas do cotidiano (per)formativo: a escrita de cartas como modo de dizer-ser** / Juliana Vieira da Silva. - Campinas, SP: [s.n.], 2020. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/343480>>. Acesso em 7 de maio de 2021.

SZUNDY, Paula Tatianne Carréra; OLIVEIRA, Maria Bernadete Fernandes de. **Práticas de multiletramento na escola: por uma educação responsiva à contemporaneidade**. Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, v. 9, p.184-205, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/bak/v9n2/a12v9n2.pdf>>. Acesso em 6 de fevereiro de 2021.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**. 4ª ed. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1991.

## APÊNDICE

Revisão de Literatura - Tabela elaborada em 05/Fev/2020

TIPO	TÍTULO	AUTOR	ANO
Dissertação	“Me ajuda a olhar”: Narrativas e experiências de uma professora de educação infantil em (trans)formação com a escrita.	Liliam Oliveira	2020
Dissertação	Narrativas do cotidiano (per)formativo: a escrita de cartas como modo de dizer-se.	Juliana Vieira	2020
TCC	Contribuições da narrativa (auto)biográfica para a formação docente inicial e continuada.	Karina Yuki	2021
TCC	Múltiplas Linguagens – caminhos alternativos à alfabetização.	Cláudia Anciloto	2006
TCC	A música como elemento de apoio para as outras disciplinas da etapa básica do Ensino Fundamental. (1ª a 4ª séries)	Valeria Sampaio	2004
TCC	“Teatro na socialização das crianças” Experiências teatrais nas salas de aula.	Neusa Maestro	2005
TCC	A importância do brincar para o processo de aprendizagem no Ensino Fundamental	Camila Dias	2013
TCC	Outras cem: narrativas de bebês em múltiplas linguagens	Ruy Braz	2012
TCC	As experiências artísticas na formação e atuação da/o profissional da Educação Infantil	Dayane Trevisani	2017
TCC	De Paulo a Freire: da utopia a realidade	Laura Freitas	2019
TCC	Das inteligências múltiplas ao brincar: uma perspectiva sobre a infância	Fernanda Santos	2008
TCC	Os usos do brincar pela professora auxiliar com uma turma de um primeiro ano do Ensino Fundamental	Daniela Gaspar	2009
Ensaio	Coreografias didáticas e inovações pedagógicas contemporâneas para uma educação emancipadora. [ <a href="https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0104-40602020000100604&amp;lang=pt">https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0104-40602020000100604&amp;lang=pt</a> ]	Miriam e Rosemary	2020

Artigo	Práticas de multiletramento na escola: por uma educação responsiva à contemporaneidade. [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732014000200012&lang=pt]	Maria de Oliveira	2014
Artigo	Pesquisas sobre infâncias, formação de professores e linguagens: diálogos com a perspectiva histórico-cultural. [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922015000100022&lang=pt]	Ana Moreira	2015
Artigo	Estágio supervisionado e práticas de oralidade, leitura e escrita no ensino fundamental. [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000200014&lang=pt]	Idméa Siqueira	2010
Artigo	Olhar viajante: antropologia, criança e aprendizagem. [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072012000200011&lang=pt]	Neusa Gusmão	2012
Artigo	E-ducar o olho e o olhar: narrativas audiovisuais, contextos escolares e estágios curriculares supervisionados. [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022018000100313&lang=pt]	Valéria Gazetta	2018
Artigo	Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742016000200183&lang=pt]	Ana Fernandes	2016
Artigo	Representação simbólica e linguagem de uma criança com autismo [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892015000400355&lang=pt]	Maria de Sá	2015

Legenda:



Texto selecionado para leitura aprofundada